



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
GESTÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

JOSUÉ DA SILVA FERNANDES

MEMÓRIA EM OURO PRETO: perspectiva epistêmica espacial.

Ouro Preto-MG

2024

JOSUÉ DA SILVA FERNANDES

MEMÓRIA EM OURO PRETO: perspectiva epistêmica espacial.

Trabalho de Conclusão de Curso (em formato de artigo) apresentado ao curso de Pós Graduação em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural, ofertado pelo *campus* OURO PRETO do Instituto Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de e Pós Graduação em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural.

Orientador: Dr^a Prof^a. Maria Cristina Rocha Simão.

Ouro Preto-MG

2024

-
- F363m Fernandes, Josué da Silva.
 Memória em Ouro Preto [manuscrito] : perspectiva epistêmica espacial
 / Josué da Silva Fernandes. – 2024.
 45 f.
- Orientadora: Maria Cristina Rocha Simão.
 Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto Federal
 de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.
1. Memória. 2. Fenomenologia. 3. Afrocentrismo. I. Simão, Maria
 Cristina Rocha. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto.
 III. Título.

CDU: 94(815.1)

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS

Campus Ouro Preto
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Seção de Pós-Graduação

Av. Professor Mário Werneck, 2590 - Bairro Buritis - CEP 30575-180 - Belo Horizonte - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSUÉ DA SILVA FERNANDES

MEMÓRIA EM OURO PRETO: perspectiva epistêmica espacial

Trabalho de Conclusão de Curso (em formato de artigo) apresentado ao curso de Pós Graduação em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural, ofertado pelo campus OURO PRETO do Instituto Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de e Pós Graduação em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural.

Aprovado em 30 de Abril de 2024, pela banca examinadora:

Profa. Dra. **Maria Cristina Rocha Simão** - IFMG *Campus* Ouro Preto - Orientadora

Profa. Dra. **Denise Falcão** – UFOP



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rocha Simao, Professora**, em 15/07/2024, às 15:51, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Denise Falcão, Usuário Externo**, em 19/07/2024, às 13:22, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fernandes Bohrer, Professor**, em 22/07/2024, às 17:02, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **1969898** e o código CRC **F37F38BF**.

MEMÓRIA EM OURO PRETO: PERSPECTIVA EPISTÊMICA ESPACIAL.
MEMORY IN OURO PRETO: SPATIAL EPISTEMIC PERSPECTIVE.

Josué da Silva Fernandes ¹

Dr^a Prof^a. Maria Cristina Rocha Simão ²

RESUMO

Este estudo explora a epistemologia do espaço em Ouro Preto, Minas Gerais, através da análise crítica das narrativas oficiais e do uso do espaço urbano pelos habitantes. Através de pesquisa qualitativa (levantamento bibliográfico, observação participante e análise documental), a pesquisa revela contradições entre a visão eurocêntrica oficial e as marcas da escravidão e da Afrocentricidade presentes na cidade. A hermenêutica urbana e a fenomenologia são utilizadas para interpretar os significados do espaço e as experiências dos habitantes. A pesquisa evidencia a luta por reconhecimento e ressignificação da história afrodescendente, manifestada em diversas formas de expressão cultural e social. A epistemologia do espaço em Ouro Preto é complexa e multifacetada, marcada por contradições e tensões. A pesquisa revelou que as narrativas oficiais de Ouro Preto, muitas vezes marcadas por uma visão eurocêntrica, mascaram as contradições e tensões presentes no espaço urbano. A análise das marcas da escravidão e da Afrocentricidade na cidade evidenciou a luta por reconhecimento e ressignificação da história afrodescendente, que se manifesta por diferentes formas de expressão cultural e social. Os resultados da pesquisa indicam que a epistemologia do espaço em Ouro Preto é complexa e multifacetada, marcada por contradições entre as narrativas oficiais e o uso do espaço pelos habitantes. A valorização da herança afrodescendente e a construção de uma narrativa mais plural da história da cidade são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Memória. Fenomenologia. Afrocentricidade.

¹ Josué da Silva Fernandes, Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural, IFMG-Ouro Preto. *E-mail* josuedafer@gmail.com

² Dr^a Prof^a. Maria Cristina Rocha Simão, Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural, IFMG-Ouro Preto. *E-mail*: cristina.simao@ifmg.edu.br

ABSTRACT

This study explores the epistemology of space in Ouro Preto, Minas Gerais, through a critical analysis of official narratives and the use of urban space by its inhabitants. Through qualitative research (bibliographic survey, participant observation and documentary analysis), the research reveals contradictions between the official Eurocentric vision and the marks of slavery and Afrocentricity present in the city. Urban hermeneutics and phenomenology are used to interpret the meanings of the space and the experiences of the inhabitants. The research highlights the struggle for recognition and re-signification of Afro-descendant history, manifested in various forms of cultural and social expression. The epistemology of space in Ouro Preto is complex and multifaceted, marked by contradictions and tensions. The research revealed that the official narratives of Ouro Preto, often marked by a Eurocentric vision, mask the contradictions and tensions present in the urban space. The analysis of the marks of slavery and Afrocentricity in the city highlighted the struggle for recognition and re-signification of Afro-descendant history, which manifests itself in different forms of cultural and social expression. The results of the research indicate that the epistemology of space in Ouro Preto is complex and multifaceted, marked by contradictions between official narratives and the use of space by the inhabitants. The valorization of the Afro-descendant heritage and the construction of a more plural narrative of the city's history is a challenge.

Keywords ou Palabras clave: Memory. Phenomenology. Afrocentricity.

Data de submissão: 30/04/2024

Data de aprovação: 05/07/2024

Introdução

Em meio ao cenário histórico de Ouro Preto, cidade mineira entrelaçada com a memória da escravidão e ostentando o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, desponta a investigação realizada entre 2021 e 2022 pelo Grupo Corpo Brincante e pelo curso de Especialização em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural do IFMG-Ouro Preto 2022-2024.

Este estudo, apresentado neste artigo, mergulha nos resultados tanto da pesquisa do projeto corpo brincante sobre lazer dos jovens ouro-pretanos, quanto nos estudos realizados no processo de formação do Ifmg. Busca compreender e apresentar como essas atividades se articulam com a memória da cidade, marcada por opulência e sofrimento

Além disso , as discussões basilares são a respeito de memória e como espaço é influenciado no entendimento a partir das influencias históricas que se tem sobre a cidade.

Um estudo que mergulha na epistemologia do espaço na cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais. Através da lente da hermenêutica urbana e da fenomenologia, a pesquisa explora as contradições entre as narrativas oficiais e o vivido pelos habitantes, buscando desvendar as marcas da escravidão e da afrocentricidade na formação da cidade, na luta por reconhecimento e na ressignificação da história afrodescendente.

Objetivo:

O objetivo central deste estudo é analisar as contradições entre as narrativas oficiais da cidade e o uso do espaço urbano pelos seus habitantes, buscando desvendar as marcas da escravidão e da afrocentricidade na formação da cidade e na luta por reconhecimento e ressignificação da história afrodescendente.

Abordagem Metodológica:

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando métodos de coleta de dados diversificados e complementares:

- **Levantamento Bibliográfico:** Realizada uma extensa revisão bibliográfica em livros, artigos científicos, periódicos e outras fontes relevantes para embasar a pesquisa teoricamente e contextualizar o estudo.
- **Observação Participante:** O pesquisador se insere no ambiente de pesquisa, observando e registrando as dinâmicas do espaço urbano, a interação dos habitantes com o local e as diferentes formas de apropriação do espaço.
- **Análise de Documentos Históricos:** Documentos oficiais, como arquivos históricos, mapas e plantas da cidade, jornais antigos e outros registros escritos, são coletados e analisados para compreender a história oficial da cidade e identificar as contradições entre essa narrativa e o vivido pelos habitantes.

Análise dos Dados:

A análise dos dados coletados é realizada de forma interativa e complementar, utilizando técnicas qualitativas como:

- **Hermenêutica Urbana:** Interpretação dos significados presentes no espaço urbano, buscando compreender como os elementos físicos e simbólicos da cidade influenciam as percepções, vivências e relações dos habitantes.
- **Fenomenologia:** Exploração das experiências e vivências dos habitantes de Ouro Preto em relação ao espaço da cidade, buscando compreender como eles percebem, significam e interagem com o local.

A pesquisa se alimenta de diferentes fontes:

- **Projeto da UFOP (2021-2022):** realizado pelo Grupo Corpo Brincante, explorando as práticas de lazer da juventude ouro-pretana (*Intersecções Entre Ocupação do Espaço, Transgressão E Memória Na Apropriação Do Morro Da Forca Para O Lazer*. Denise Falcão, Josue da Silva Fernandes, Hipsia Ferreira Alves).

Esta pesquisa pretende a partir da interpretação do espaço Morro da Forca em Ouro Preto, discutir as apropriações e pertencimentos dos jovens ouro-pretanos nos espaços públicos para fruição de suas práticas de lazer. Coletanea-RIEC2022.pdf⁴).

- **O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA-** A partir da pesquisa sobre os lazes de jovens em Ouro Preto, este artigo apresentou reflexões sobre o papel da memória social, a interseccionalidade de raça e classe social, as políticas públicas de lazer em cidades turísticas e o lazer como um direito social, buscando identificar em que medida as práticas de lazer podem ser protagonistas de empoderamento para os sujeitos atravessados pelos marcadores sociais da diferença, em um bairro periférico, de uma cidade patrimônio mundial.
- **Estudos no curso de Especialização em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural do IFMG (2022-2024):** aprofundando a análise da memória e do patrimônio cultural. (O curso é direcionado, principalmente, aos profissionais envolvidos com a preservação do patrimônio cultural: arquitetos, engenheiros, tecnólogos em conservação e restauro, historiadores, geógrafos, sociólogos, turismólogos, bacharéis em direito, antropólogos, filósofos e outras áreas afins. Atende, também, aos gestores públicos e demais agentes diretamente ligados à preservação do patrimônio cultural, que muitas vezes não são profissionais graduados nas áreas tradicionalmente afetas à conservação)⁶.

Ao longo da investigação, os conceitos de memória ativa e inativa ganham destaque. A memória ativa se manifesta nas práticas de lazer, resignificando o passado e construindo novas narrativas. Já a memória inativa se perpetua na

arquitetura barroca, nos monumentos e nas ruas de paralelepípedos, silenciando vozes e apagando histórias.³

O estudo também se debruça sobre as percepções dos moradores em relação ao desenvolvimento urbano e às subjetividades coletivas. De que forma a herança da escravidão se faz presente no cotidiano? Como os moradores reagem à opulência do passado colonial em meio às desigualdades do presente?

Ao abordar a percepção e as recepções sensíveis sobre Ouro Preto, o artigo leva em consideração sua rica arquitetura barroca e os reflexos dessa herança no presente. A grandiosidade das igrejas e dos sobrados se contrapõe à simplicidade das casas e à luta por melhores condições de vida nos bairros periféricos.

O artigo apresenta e fundamenta algumas discussões o conceito de memória e afrocentricidade. Como a fenomenologia e hermenêutica podem oferecer respostas que ampliam a percepção do uso dos espaços urbanos.

Autores como Milton Santos, Henri Lefebvre, Paul Ricouer, e tantos outros ajudam a aprofundar e a ter uma visão técnica sobre os mecanismos que fazem compreender como a cidade se desenvolveu ao longo da história.

Ao examinar certos aspectos arquitetônicos e eventos históricos de Ouro Preto, o estudo procurou entender de que forma esses elementos podem influenciar a visão dos habitantes locais, auxiliando a uma compreensão mais abrangente e intrincada de sua história, situação atual e perspectivas futuras.

O artigo também abordará Ouro Preto como polo comercial, incluindo o turismo, a geração de renda e o investimento em cultura e lazer. Analisando como esses elementos moldam a dinâmica urbana e influenciam a vida dos moradores, o estudo busca entender o papel do polo comercial na construção da identidade da cidade e no seu desenvolvimento socioeconômico.

Com base nos conceitos de fenomenologia do espaço de Milton Santos, que realça a vivência no espaço urbano, e do direito ao uso do espaço de Henri Lefebvre, que enfatiza a apropriação do espaço pelos cidadãos, a pesquisa se dedicou a investigar como o polo comercial de Ouro Preto influencia e molda a vida na cidade, por meio de análises de dados, pesquisas e exemplos relevantes..

Além disso, este artigo propõe uma análise epistemológica de Ouro Preto, buscando compreender como a cidade se configura sendo percebida a partir da interação entre espaço, memória, consciência e estética urbana. Ao abordar essa temática sob uma perspectiva epistemológica, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda da identidade da cidade e dos seus processos de construção social.

³ COUTO, A. C. P.; CHAVES, E.; DEBORTOLI, J. A. O.; ISAYAMA, H. F.; RECHIA, S. (Orgs.) Coletânea do II Congresso Científico da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC)1. Belo Horizonte: EEEFTO, 2022. ISBN: 978-65-990329-5-03.

⁵ FALCÃO, D.; DA SILVA FERNANDES, J. O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA.

Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.], v. 10, n. 03, p. 78–97, 2024. Disponível em: <https://periodi.cos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/47721>. Acesso em: 20 jun. 2024.

⁶ <https://ouropreto.ifmg.edu.br/ouropreto/cursos/pos-graduacao/especializacao-em-gestao-e-conservacaodo-patrimonio-cultural/especializacao-em-gestao-e-conservacao-do-patrimonio-cultural>

O conceito de espaço será abordado como uma construção social, moldada pelas relações de poder e pelas práticas dos indivíduos. A memória será entendida como um processo dinâmico de construção e reconstrução do passado, enquanto a consciência será vista como a capacidade dos indivíduos de perceberem e interpretarem o mundo ao seu redor. A estética urbana, no que lhe concerne, será analisada como a beleza e a harmonia são percebidas no espaço urbano.

A arquitetura barroca da cidade, com seus imponentes edifícios e ruas sinuosas, contribui para a construção de uma memória grandiosa do passado colonial. A presença de museus, monumentos e eventos culturais também reforça essa memória e molda a consciência dos moradores e visitantes sobre a história da cidade. A estética urbana de Ouro Preto, caracterizada pela valorização da tradição e da beleza natural, contribui para a criação de um ambiente agradável e convidativo.

Na primeira sessão, discutiremos elementos da memória da cidade de Ouro Preto, analisando seus significados e como se relacionam com a cidade e seus residentes. Exploraremos as nuances da memória social e institucional, demonstrando como influenciam nossa visão da cidade histórica. Na segunda sessão, abordaremos a complexa interação entre cultura, memória e espaço, revelando como se combinam para criar a identidade única de Ouro Preto. Na terceira sessão, examinaremos criticamente a cidade, destacando as contradições em sua expressão cultural e memória. Desafiaremos a influência eurocêntrica na narrativa oficial, promovendo uma perspectiva descolonizadora que celebra a diversidade cultural da cidade. Essa abordagem nos convida a repensar a história e cultura de Ouro Preto, reconhecendo o papel fundamental da presença afro-brasileira na formação da identidade da cidade. A quinta sessão nos levará a explorar a memória como um processo dinâmico e subjetivo, em constante reconstrução e reinterpretação. Investigaremos como a memória individual e coletiva se entrelaçam, influenciando nossa percepção e interação com o mundo ao nosso redor. Na sexta sessão, analisaremos as contradições entre as narrativas, o uso do espaço e a cidade de Ouro Preto, revelando as múltiplas camadas que compõem a identidade desta cidade única. E, finalmente, na sétima sessão, mergulharemos na fenomenologia do espaço em Ouro Preto, explorando a natureza do espaço, os sujeitos envolvidos e a relação entre espaço e história.

1 O SENTIDO E CONCEITO DE MEMÓRIA EM OURO PRETO

Nesta sessão, discutiremos a memória em relação à cidade de Ouro Preto e seus habitantes. Inicialmente, abordarei o significado e conceito de memória nesse contexto, para em seguida explorar os conceitos de memória social e institucional. A intenção é apresentar a memória em uma ótica específica, focada em Ouro Preto, e posteriormente ampliar para uma visão mais expandida, englobando a memória social e institucional. Para fundamentar essa discussão, será analisado diversas fontes, incluindo autores e artigos, que contribuíram para a formação desta perspectiva.

1.1 Memória em Ouro Preto

A memória é um processo complexo que envolve a reconstrução do passado a partir de fragmentos de informação. Em Ouro Preto, a memória é marcada por uma série de acontecimentos históricos, como o ciclo do ouro, a Inconfidência Mineira e a escravidão. Esses acontecimentos são representados no espaço urbano da cidade, através de monumentos, arquitetura e narrativas.

Os significados atribuídos pelos moradores e usuários aos bens tombados caracterizam-se por sintetizar e mesclar variáveis de naturezas diversas. Esse é um dos parâmetros centrais na questão preservacionista, da síntese da valorização da memória, dos ícones identitários, do reconhecimento de bens culturais como bens patrimoniais. Conflitos e afetos, ambiguidades e consensos, identidade e pluralidade, questões que permeiam a proteção do patrimônio cultural e, principalmente, as relações estabelecidas entre o patrimônio e os moradores. Até que ponto os moradores e usuários dos sítios urbanos protegidos se sentem apropriados e simbolicamente ligados ao patrimônio institucionalmente constituído é uma pergunta que necessita de resposta a partir deles, moradores, principais atores. (Simão M.C. Rocha,p.23, 2016).

Argumenta-se que tais significados são compostos por uma mistura de variáveis diversas, sendo um dos parâmetros centrais na questão preservacionista. A valorização da memória, a construção de identidades e o reconhecimento de bens culturais como patrimônio são alguns dos elementos que permeiam essa relação complexa.

A visão dos moradores e usuários é fundamental para entender como esses espaços se inserem na vida das pessoas e como contribuem para a construção de identidades e memórias coletivas.

A relação entre os moradores e o patrimônio nem sempre é harmoniosa. Conflitos podem surgir em torno de diferentes usos e interpretações dos bens tombados. No entanto, também é possível observar a formação de afetos e vínculos entre as pessoas e esses espaços.

Os bens tombados podem contribuir para a construção de identidades locais e regionais. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer a pluralidade de vozes e

perspectivas presentes em cada comunidade. O patrimônio cultural deve ser um espaço de inclusão e diálogo, onde diferentes culturas e histórias possam ser valorizadas.

É possível questionar até que ponto os moradores e usuários dos sítios urbanos protegidos se sentem apropriados e simbolicamente ligados ao patrimônio institucionalmente constituído. Essa é uma pergunta que só pode ser respondida pelos próprios moradores, os principais atores na relação com o patrimônio.

Em Ouro Preto, a relação entre memória social e patrimônio é evidente, pois a cidade preserva não apenas bens materiais, como edificações históricas, mas também uma memória coletiva e identitária que se reflete na cultura, nas tradições e nas práticas sociais da comunidade local. A preservação do patrimônio em Ouro Preto não se limita apenas à conservação de monumentos arquitetônicos, mas também envolve a manutenção de práticas culturais, festividades, narrativas históricas e modos de vida que fazem parte da memória social da cidade.

A memória social em Ouro Preto está intrinsecamente ligada ao seu patrimônio material e imaterial, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e para a valorização da história e da cultura local (BRAGA, 2008). A preservação do patrimônio em Ouro Preto não se restringe apenas à conservação de monumentos arquitetônicos, mas também envolve a manutenção de práticas culturais, festividades, narrativas históricas e modos de vida que fazem parte da memória social da cidade.

Essa relação entre memória social e patrimônio em Ouro Preto destaca a importância de se considerar não apenas os aspectos físicos e tangíveis do patrimônio, mas também as dimensões simbólicas, afetivas e identitárias que estão presentes na vida da comunidade local. A preservação do patrimônio em Ouro Preto não apenas contribui para a conservação do passado, mas também para a construção de um futuro sustentável e para a promoção da identidade cultural da cidade.

A produção do patrimônio em Ouro Preto está intrinsecamente ligada à memória coletiva da comunidade local (BRUSADIN; CASTRIOTA, 2023). A diversificação nas abordagens das relações do social ao institucional reflete a importância de preservar a história e as tradições dos moradores da região. A preservação do patrimônio não se limita apenas às estruturas físicas, mas também à valorização das práticas culturais e sociais que moldaram a identidade do lugar. A comunidade de Ouro Preto desempenha um papel fundamental na manutenção e promoção do seu patrimônio, garantindo assim que as gerações futuras possam desfrutar e aprender com a rica história e cultura local.

A memória em Ouro Preto pode ser dividida em duas categorias: a memória institucional e a memória social. A memória institucional é aquela propagada pelas instituições, como o poder público, as escolas e os museus. Essa memória é geralmente seletiva e enfatiza os aspectos positivos da história da cidade.

A memória social, no que lhe concerne, é aquela sendo transmitida de geração em geração por meio de histórias, lendas e tradições. Essa memória é geralmente mais inclusiva e apresenta uma visão mais crítica da história da cidade.

A construção de um outro horizonte historiográfico se apóia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos. Ela pressupõe que a tarefa principal a ser contemplada em uma política de

preservação e produção de patrimônio coletivo que repouse no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania, é resgatar estas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo. Aposta, portanto, na existência de memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, são fortes referências de grupo mesmo quando tenham um fraco nexos com a história instituída. É exatamente aí que se encontra um dos maiores desafios: fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica. Por esta via, pode-se constituir uma política de preservação (e uma historiografia) que deverá ter em mente o quanto o poder desorganizou a posse de um sentido das participações coletivas, destruindo a possibilidade de um espaço público diferenciado. (PAOLI, p. 2, 1992).

O trecho apresentado aborda a construção de um novo horizonte historiográfico que se baseia na recriação da memória dos grupos marginalizados, aqueles que perderam não apenas o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos.

A autora argumenta que a principal tarefa de uma política de preservação e produção de patrimônio coletivo é resgatar essas ações e utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória institucional e contestando seu triunfalismo.

Ela reconhece a existência de memórias coletivas heterogêneas que servem como fortes referências de grupo, mesmo quando possuem um fraco nexos com a história oficial. Um dos maiores desafios, nesse sentido, é fazer com que as experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica.

A partir dessa perspectiva, a autora propõe a construção de uma política de preservação (e uma historiografia) que leve em consideração como o poder desorganizou a posse de um sentido das participações coletivas, destruindo a possibilidade de um espaço público diferenciado.

1.2 Memória Social e Memória institucional

A cidade de Ouro Preto, localizada no estado de Minas Gerais, é conhecida por sua rica história e seu patrimônio cultural. Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a ser declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1980, e seu centro histórico preserva até hoje a arquitetura e a cultura do período colonial brasileiro. Nesse contexto, a memória desempenha um papel fundamental na compreensão e valorização da identidade dessa cidade.

Memórias Comuns são lembranças compartilhadas por um grupo de pessoas, que surgem da vivência em comum de eventos, informações, gostos, etc., dentro de um mesmo contexto histórico, cultural ou social. Por exemplo, as memórias geracionais são marcadas por eventos históricos, mudanças sociais e preferências culturais de uma determinada geração. A mídia de massa tem o papel de amplificar e homogeneizar essas memórias comuns, muitas vezes diminuindo a elaboração coletiva.

Memórias comuns. Esta categoria, tomada de Jedlowski (2000), designa as lembranças que são comuns a conjuntos mais ou menos amplos de pessoas que não se mantêm necessariamente em interação e que, portanto, não chegam a discutilas ou a elaborá-las coletivamente. As

memórias comuns podem ser vistas como coleções de muitas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto, construídas independentemente umas das outras. Por força de sua participação comum em dado período histórico, em dada configuração cultural ou em dado estrato social, tais pessoas teriam sido expostas aos mesmos fatos, às mesmas informações, aos mesmos gostos, etc., e deles guardariam aproximadamente as mesmas lembranças. O conceito pode ser útil no estudo de diversos fenômenos, como as memórias geracionais, as quais são balizadas por eventos históricos, mudanças sociais e preferências culturais que podem ter sido objeto de elaboração por certos grupos – os quais podem ter sido inclusive seus principais protagonistas –, mas não necessariamente por toda uma coorte geracional. Não obstante, acabam por ser apropriadas, como memórias comuns, por praticamente todos os participantes da geração e conferem ao inteiro conjunto uma identidade característica e única (Conway, 1998; Mannheim, 1982). Como argumenta Jedlowski (2005), os meios de comunicação de massa têm sido responsáveis por uma crescente ampliação e homogeneização das memórias, a ponto de deixar pouca margem para a elaboração propriamente coletiva. Na medida em que as memórias comuns passam a constituir uma porção cada vez mais significativa da memória social nas sociedades contemporâneas, a importância do seu estudo aumenta na mesma proporção. Ou seja, mais do que atender à exigência lógica de suprir uma lacuna conceitual entre as memórias pessoais e as coletivas, a construção e o funcionamento das memórias comuns passam a se impor como problema substancial de pesquisa. Memórias coletivas. O conceito tradicional de memórias coletivas, cunhado por Halbwachs (1950/2004), é aqui mantido para designar as memórias que, em seu processo de construção, são objeto de discursos e práticas coletivas por parte de grupos sociais razoavelmente bem definidos. Em sua atualização do pensamento de Halbwachs, Jedlowski (2001) define a memória coletiva como “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros (SÁ, 2007, p. 293).

Por outro lado, as Memórias Coletivas, conceituadas por Halbwachs e Jedlowski, são construídas através de discursos e práticas coletivas em grupos sociais específicos. Elas envolvem a produção, institucionalização, guarda e transmissão de representações do passado por um grupo, moldando sua identidade e coesão. Essas memórias são dinâmicas e estão em constante reinterpretação.

É importante destacar que as Memórias Comuns surgem da vivência em comum, enquanto as Memórias Coletivas são construídas de forma ativa e consciente pelo grupo.

No entanto, esses dois tipos de memórias podem se complementar, tornando-se Memórias Coletivas quando o grupo as elabora e as utiliza para construir sua identidade.

O estudo das memórias na sociedade contemporânea é crucial para compreender como elas se formam e influenciam a identidade e coesão social. É essencial analisar o papel da mídia de massa nesse processo e desvendar as relações entre memória, identidade e coesão social.

A memória, tanto individual quanto coletiva, é essencial na construção da identidade de um povo. Em Ouro Preto, a memória está intrinsecamente ligada à arte e à beleza presentes nas igrejas e outras vias da cidade. O barroco mineiro, estilo arquitetônico predominante na região, é uma expressão artística que reflete a religiosidade e a riqueza da época colonial. As igrejas de Ouro Preto, com suas

fachadas adornadas e interiores ricamente decorados, são verdadeiros tesouros que remontam a um passado glorioso.

Além da arte e da beleza, a memória em Ouro Preto também está associada a acontecimentos importantes que marcaram a história do Brasil. A cidade foi palco da Inconfidência Mineira, um movimento de caráter separatista que buscava a independência de Minas Gerais do domínio português. Personalidades como Tiradentes, líder do movimento, deixaram sua marca na memória coletiva da cidade. A memória desses acontecimentos é preservada através de museus, monumentos e festividades que relembram a luta pela liberdade e a importância histórica de Ouro Preto.

No entanto, a memória em Ouro Preto também está relacionada ao sofrimento. Durante o período colonial, a cidade foi palco de intensa exploração dos recursos minerais, principalmente do ouro. A extração do ouro trouxe riqueza para a coroa portuguesa, mas também causou imenso sofrimento para os escravos e para a população local. A memória desse sofrimento é mantida viva através das ruínas das antigas minas e dos relatos que são transmitidos de geração em geração.

É importante ressaltar que a memória em Ouro Preto não se limita apenas ao passado. A cidade continua a ser um centro de produção artística e cultural, e sua memória está em constante construção. Novos acontecimentos e expressões artísticas são incorporados à memória coletiva, enriquecendo a identidade da cidade.

Em Ouro Preto, memória e realidade se entrelaçam, formando um tecido rico em arte, beleza, acontecimentos marcantes, sofrimento e a incessante busca pela preservação do patrimônio cultural. Mais do que um simples registro do passado, a memória se ergue como alma viva da cidade, moldando sua identidade e tecendo os fios que a conectam ao presente e futuro.

Expoente da arte barroca brasileira, Ouro Preto ostenta um legado cultural inestimável. Cada monumento, cada obra de arte, cada rua de paralelepípedos sussurra histórias de um passado grandioso. A memória, nesse contexto, torna-se ponte entre o ontem e o hoje, permitindo que as novas gerações apreciem a beleza e a grandiosidade que permeiam cada canto da cidade.

Mas a memória de Ouro Preto não se resume apenas à opulência do passado. Ela também carrega as marcas do sofrimento e da luta, dos momentos em que a cidade enfrentou desafios e provações. Essa memória, por vezes dolorosa, é essencial para a compreensão completa da história local, pois nos convida a refletir sobre a resiliência do povo e a importância da preservação daquilo que nos define.

Como guardiã do patrimônio cultural, a memória em Ouro Preto se manifesta em ações concretas de preservação e valorização. Através de projetos de restauração, eventos culturais e campanhas educativas, a comunidade se une para proteger os tesouros históricos e assegurar que a memória da cidade continue viva para as próximas gerações.

Ouro Preto é, portanto, um museu a céu aberto, onde cada canto pulsa com a memória viva do passado. É um convite a uma viagem no tempo, a um mergulho em um universo de riqueza cultural, belezas naturais e histórias comoventes. Ao valorizar a memória, Ouro Preto não apenas preserva sua identidade, mas também nos oferece a oportunidade de aprender com o passado e construir um futuro promissor.

O reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente da generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o conflito e a criatividade como critérios para a consciência de um passado comum. Reconhecimento que aceita os riscos da diversidade, da ambigüidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais. Arrisca-se a encontrar as solicitações por uma memória social que venham baseadas em seu valor simbólico, mesmo que sejam locais, pequenas, quase familiares. Não teme restaurar e preservar o patrimônio edificado sem pretender conservar o “antigo” ou fixar o “moderno”. Orienta-se pela produção de uma cultura que não repudie sua própria historicidade, mas que possa dar-se conta dela pela participação nos valores simbólicos da cidade, como o sentimento de “fazer parte” de sua feitura múltipla” (Paoli, M. C., p.2-5, 1992).

O trecho acima apresentado explora a relação entre o reconhecimento do direito ao passado e a construção de uma cidadania plena em uma sociedade. A autora defende que a generalização da cidadania, ou seja, a sua extensão a todos os grupos e indivíduos, está intrinsecamente ligada à capacidade da sociedade de reconhecer e valorizar a multiplicidade de memórias que compõem o seu passado.

Para que essa valorização se concretize, é fundamental superar a visão tradicional da história como um relato único e linear, dominado pela memória do poder. É necessário abrir espaço para o reconhecimento da diversidade de experiências e perspectivas que coexistem em qualquer sociedade, incluindo as memórias dos grupos marginalizados e silenciados ao longo da história.

Ao reconhecer o direito ao passado, a sociedade reconhece também a importância da memória na construção da identidade individual e coletiva. As memórias, mesmo que fragmentadas, ambíguas ou até mesmo deformadas, são elementos essenciais para a compreensão do presente e para a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

A autora destaca a importância de se dar voz às “solicitações por uma memória social”, mesmo que estas sejam “locais, pequenas, quase familiares”. Tais memórias, muitas vezes ignoradas pela historiografia tradicional, são fundamentais para a construção de uma história mais plural e democrática.

O reconhecimento do direito ao passado não se limita à preservação do “antigo” ou à fixação do “moderno”. Trata-se de um processo dinâmico que busca a produção de uma cultura que reconhece e valoriza a historicidade da sociedade. Essa cultura se manifesta na participação dos indivíduos nos valores simbólicos da cidade, no sentimento de pertencimento e na consciência de que cada um faz parte da “feitura múltipla” da sociedade.

O reconhecimento do direito ao passado é fundamental para a construção de uma cidadania plena em uma sociedade. Através do reconhecimento da diversidade de memórias e da produção de uma cultura que valoriza a historicidade, é possível construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

2.3 Memórias in(ativas)

Nesta seção, exploraremos um aspecto crucial relacionado à memória: a pesquisa desenvolvida pelo Corpo Brincante entre 2020 e 2022 sobre memória, lazer e juventude. O estudo se destaca por sua análise aprofundada do lazer e suas

implicações sociais, econômicas e culturais, além de investigar as questões de memória de forma abrangente, reconhecendo o impacto da memória da cidade no lazer de seus habitantes.

O grupo Corpo Brincante propôs uma pesquisa com a hipótese de que a memória em Ouro Preto, Minas Gerais, pode ser dividida em dois tipos: memória ativa e memória inativa. Através de suas pesquisas, o grupo evidenciou que as memórias inativas frequentemente reprimidas politicamente, enquanto as memórias ativas são expostas.

Ao descrever sobre memórias, é possível distinguir entre aquelas que estão ativas e aquelas inativas. O termo “memórias ativas”; sugere uma interligação com a integridade do indivíduo, tornando-o capaz de estabelecer uma conexão coerente entre o passado, o presente e o futuro (SÁ, 2007) . Dessa forma, ele se encontra em harmonia com suas lembranças. Essa integração da memória também estabelece uma relação com o espaço em que a pessoa vive. Por exemplo, pessoas da classe A tendem a se identificar com o ambiente em que estão inseridas, para isso é interessante ser considerado o seguinte: As cidades coloniais são verdadeiros ímãs para o turismo e também recebem grandes investimentos públicos. Com isso, muitas das celebrações e práticas culturais colocadas no calendário festivo da cidade apresentam uma roupagem preparada para os que vem de fora e afastam a comunidade de seus espaços de pertencimento, ou seja, há uma transposição da prática social para um espaço físico que não os representa, forjando uma memória social baseada em uma pseudo tradição. A ideia de memórias ativas e integradas está diretamente relacionada com a relação do indivíduo com seu ambiente e experiências (GOFF, 1990) . É possível inferir que o espaço público do centro histórico de Ouro Preto é dominado por uma classe social que detém poder econômico, influência política e controle dos meios de produção naquela região. Isso implica que a classe responsável pela construção da memória desse espaço também é específica. Portanto, podemos identificar tanto a classe social que ocupa o espaço atualmente, quanto o próprio espaço, como uma representação material da classe que historicamente o dominou.(Falcão, Denise; Fernandes, Josué. p.14, 2024).

Com base em suas descobertas, o Corpo Brincante argumenta que a memória também serve como forma de exercício de poder e como ferramenta de interesse político para a promoção de classes sociais que se beneficiam das narrativas que constituem suas memórias. Essa afirmação corrobora as ideias de Denise Falcão e Josué Fernandes:

Nos estudos sobre a memória e o patrimônio, inevitavelmente, depara-se com as intersecções de classe e de raça. Essa análise evidencia dois espaços que interagem sutilmente: o espaço físico e o espaço da memória (NASCIMENTO, 2009) . É importante ressaltar que esses espaços não estão dissociados, já que a construção do espaço físico está diretamente relacionada ao processo de formação da memória. Portanto, pensar nesse contexto é considerar a hipótese de que a compreensão da identidade e do espaço é reflexo do processo histórico narrativo que estabelece os marcos de referência por memórias históricas documentais e memórias públicas.⁴(Falcão, Denise; Fernandes, Josué. p.14, 2024).

⁴ FALCÃO, D.; DA SILVA FERNANDES, J. O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA.

Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.], v. 10, n. 03, p. 78–97, 2024. Disponível em: <https://periodico.s.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/47721>. Acesso em: 16 jun. 2024.

Ao explorarmos a memória e o patrimônio, torna-se inevitável o encontro com as complexas intersecções de classe e raça. Essa análise nos convida a observar a sutil interação entre dois espaços distintos: o físico e o da memória (NASCIMENTO, 2009).

É fundamental reconhecer que esses espaços não existem de forma isolada. A construção do espaço físico está intrinsecamente ligada ao processo de formação da memória. Nesse sentido, refletir sobre esse contexto significa considerar a hipótese de que a compreensão da identidade e do espaço é reflexo do processo histórico narrativo que define os marcos de referência por meio de memórias históricas documentais e memórias públicas.

A memória não é um registro neutro do passado, mas sim uma construção social marcada pelas relações de poder e pelas desigualdades de classe. As classes dominantes detêm maior poder na construção e na difusão de suas memórias, enquanto as classes subalternizadas têm suas memórias marginalizadas e silenciadas.

A memória também é atravessada por relações raciais. Grupos étnicos minoritários frequentemente têm suas histórias e experiências apagadas da narrativa oficial, enquanto a memória dos grupos dominantes é valorizada e perpetuada.

Espaço Físico e Memória: O espaço físico não apenas reflete a memória, mas também a molda. Monumentos, edifícios e paisagens carregam consigo a memória de eventos e figuras históricas, influenciando a forma como percebemos e interagimos com o espaço.

A memória pública, construída e difundida pelas instituições e meios de comunicação, desempenha um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva. No entanto, essa memória frequentemente ignora ou distorce as experiências de grupos marginalizados, perpetuando desigualdades e injustiças.

Para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, é necessário reconhecer as intersecções de classe, raça e memória na construção do patrimônio. É fundamental dar voz aos grupos marginalizados, valorizar suas memórias e experiências, e reescrever a história de forma a refletir a diversidade da sociedade.

3 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, MEMÓRIA E ESPAÇO

A relação entre cultura, memória e espaço é um tema amplamente discutido no campo acadêmico⁵, pois envolve a compreensão da influência mútua entre esses elementos na construção e manutenção das identidades individuais e coletivas. Nesta parte, iremos explorar essa relação, destacando a cidade de Ouro Preto, as teorias de Milton Santos sobre a natureza do espaço e os conceitos de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço.

3.1 Cututra, memória e espaço

Em Ouro Preto, a memória, a cultura e o espaço físico se entrelaçam em uma simbiose única, formando a alma viva da cidade. Cada monumento, cada rua de

⁵ Cultura e Memória: percepções das lembranças re-existent no tempo1 ALESSANDRA LEAL.Geo UERJ - Ano 13, nº. 22, v. 2, 2º semestre de 2011 p. 350-361 - ISSN 1981-9021 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>

paralelepípedos, cada praça guarda histórias e tradições que moldaram a identidade local ao longo dos séculos.

Os elementos culturais, como as festas populares, o artesanato e a gastronomia típica, não se limitam a eventos ou produtos isolados. Eles são manifestações vivas que pulsam no coração da cidade, ocorrendo em determinados lugares e moldando a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente ao seu redor.

As ruas de Ouro Preto, por exemplo, não são apenas vias de acesso. Elas são palco de festas tradicionais, como a Festa de Nossa Senhora do Pilar^[61], que atraem multidões e celebram a fé e a cultura local.

A culinária típica, com seus pratos saborosos e receitas tradicionais, é degustada em restaurantes aconchegantes e charmosos, muitos deles instalados em antigos casarões coloniais. O artesanato local, expressão autêntica do talento do povo, encontra-se em lojas e ateliês espalhados pelas ruas, encantando os visitantes com sua beleza e originalidade.

Essa íntima conexão entre cultura e espaço físico é fundamental para a compreensão da identidade de Ouro Preto (BRUSADIN; CASTRIOTA, 2023). Ao visitar a cidade, não basta admirar seus monumentos e museus. É preciso mergulhar em seu ambiente, participar de suas festas, provar sua culinária e apreciar seu artesanato. É nesse contato direto com a cultura local que se revela a verdadeira alma de Ouro Preto.

Em suma, memória, cultura e espaço físico formam uma tríade inseparável em Ouro Preto. Cada elemento contribui para a riqueza e a singularidade da cidade, convidando os visitantes a uma experiência única e inesquecível.

Milton Santos aborda a relação entre espaço, cultura e memória de forma profunda em suas obras. Ele destaca como a memória coletiva e a cultura são elementos essenciais na construção e significação do espaço geográfico. Uma citação que relaciona essas ideias é a seguinte:

Em que medida a “territorialidade longa” seria mais importante que a “efemeridade”? A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. Essa se ganhou tal força que hoje, diante de uma sociedade e uma cultura em perpétua agitação, a cultura do movimento é apontada como o dado essencial da desagregação e da anomia. (SANTOS, p.223,2002)

As teorias de Milton Santos sobre a natureza do espaço são relevantes para a compreensão dessa relação entre cultura, memória e espaço. Para Santos, o espaço não é apenas um cenário neutro onde as atividades humanas ocorrem, mas sim um produto social, resultado das relações sociais e das práticas culturais. Nesse sentido, o espaço de Ouro Preto é moldado pela sua história, pelos valores culturais e pelas representações simbólicas que ali se manifestam.

⁶ <https://arqmariana.com.br/noticia/festa-em-honra-a-nossa-senhora-do-pilar-em-ouro-preto-volta-a-ser-celebrada-junto-ao-aniversario-da-cidade/#:~:text=de%20Mariana%20%2D%20MG-,Festa%20em%20honra%20a%20Nossa%20Senhora%20do%20Pilar%2C%20em%20Ouro,junto%20ao%20anivers%C3%20%C3%B3quia%20de%20Nossa%20Senhora,em%20honra%20a%20sua%20padroeira.Acessado em 18/04/2024>

Conforme Santos argumenta, o espaço não é apenas um local neutro, mas sim um produto social influenciado pela história, cultura e símbolos (SANTOS, 2006). Em Ouro Preto, essa relação se manifesta de diversas maneiras: a arquitetura colonial, com suas ruas de paralelepípedos, casas e telhados de barro que refletem a história da cidade; as igrejas e monumentos que representam a fé católica na identidade cultural local; e as festas tradicionais, como o Carnaval e a Semana Santa, que preservam a memória cultural da comunidade. Ao analisar o espaço urbano de Ouro Preto pelos olhos de Milton Santos, é possível compreender como cultura e memória se expressam no ambiente, moldando a identidade da cidade e seus habitantes. É fundamental ressaltar que o espaço não é um mero cenário, mas sim um reflexo da história, valores culturais e significados simbólicos que o permeiam :

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado.” (SANTOS, 2002, p. 224).

Acima através do olhar de Milton Santos o texto apresenta uma interessante cogitação sobre a relação entre memória, futuro e espaço. Em Ouro Preto, essa relação se manifesta de forma singular, com a cidade sendo um palco onde passado e futuro se entrelaçam.

O passado colonial de Ouro Preto está presente em cada esquina da cidade. As ruas de paralelepípedos, as casas coloniais e os monumentos barrocos são como um portal que nos transporta para outra época. Essa memória é fundamental para a identidade da cidade e para a compreensão do seu presente.

Enquanto preserva sua memória, Ouro Preto também se volta para o futuro. A cidade busca se reinventar, adaptando-se às novas demandas da sociedade contemporânea. O turismo, a cultura e a pesquisa científica são alguns dos pilares desse novo olhar para o futuro.

O espaço de Ouro Preto se torna o pano de fundo perfeito para a interação entre a memória e o futuro. Nesta cidade, diferentes épocas se encontram e se entrelaçam, criando uma atmosfera única onde passado, presente e futuro se fundem de forma harmoniosa e conflituosa. Para ilustrar essa convergência temporal, podemos observar como a própria arquitetura e os elementos da cidade servem como testemunhos dessa interação.

Museu do Oratório^{7[1]}: O Museu do Oratório preserva a memória da arte sacra mineira e, ao mesmo tempo, promove a pesquisa e a educação.

Festival de Inverno de Ouro Preto: O Festival de Inverno, com suas apresentações musicais, teatrais e literárias, é um exemplo da vitalidade cultural da cidade.

Projeto **“Ouro Preto, Cidade Criativa”**^{8[2]}: O projeto “Ouro Preto, Cidade Criativa” busca promover o desenvolvimento urbano sustentável da cidade, com foco na economia criativa.

⁷ O prédio onde hoje funciona o Museu do Oratório é um dos mais significativos edifícios da Ouro Preto setecentista.
<https://museudooratorio.org.br/conheca/historico/>.

⁸ <https://ouopreto.mg.gov.br/noticia/3112>

Ouro Preto é um exemplo de como a memória e o futuro podem coexistir apesar dos conflitos. A cidade preserva seu passado com orgulho, mas também se abre para o futuro com esperança. Essa relação dialética entre memória e futuro é fundamental para a identidade da cidade e para o seu desenvolvimento sustentável.

Já os conceitos de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço acrescentam uma perspectiva crítica à discussão. Lefebvre argumenta que o espaço não é apenas um produto passivo das relações sociais, mas também é produzido e reproduzido através de práticas sociais e políticas. Em relação a Ouro Preto, podemos analisar como a produção do espaço ocorre através da preservação do patrimônio histórico, das políticas de turismo e da ocupação urbana. Essas práticas influenciam diretamente a forma como a cultura e a memória são vivenciadas e representadas na cidade.

“Não designando um “produto” insignificante, coisa ou objeto, mas um conjunto de relações, esse conceito exigia um aprofundamento das noções de produção, de produto, de suas relações. Como dizia Hegel, um conceito só aparece quando designa, anuncia, aproxima-se de seu fim – e de sua transformação. O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira produtivo e produtor, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialética: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais. Ele não entra também na reprodução, a do aparelho produtivo, da reprodução ampliada, das relações que ele realiza praticamente, “no terreno”?” (LEFEBVRE, p. 7, 2000).

Em Lefebvre a natureza dialética do espaço, não é um mero receptáculo passivo das atividades humanas, mas sim um produto social em constante transformação. Essa perspectiva se aplica perfeitamente à cidade de Ouro Preto, que teve sua organização espacial moldada pelas relações sociais e práticas culturais ao longo de sua história.

O espaço de Ouro Preto demonstra a relação dialética entre produto e produtor. As atividades mineradoras, por exemplo, em conjunto com a ocupação urbana moldaram a topografia da cidade, com a criação de ladeiras, túneis e outras modificações no terreno. Ao mesmo tempo, essa organização espacial influenciou o desenvolvimento das atividades econômicas e sociais, definindo os fluxos de pessoas, bens e serviços.

O espaço de Ouro Preto também é um reflexo das relações de poder existentes na sociedade colonial. Matriz de Nossa Senhora do Pilar^{9[1]}: A Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em Vila Rica, é o mais antigo templo da região, reconhecido por sua arquitetura única e importância cultural. Recebeu o título de “basílica” do Vaticano em 2012, sendo considerada de relevância equiparável às basílicas de Roma. Além disso, abriga o Museu de Arte Sacra em seu subsolo. Largo do

⁹ Basílica de Nossa Senhora do Pilar, construída em taipa e madeira e concluída por volta de 1712, é considerada o mais antigo templo de Vila Rica. <https://ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/613>.

Rosário¹⁰: O Largo do Rosário, com suas casas coloniais e o Museu do Oratório, é um importante espaço de memória e identidade cultural para a comunidade afro-brasileira de Ouro Preto. Mina de Palácio Velho¹¹: A Mina do Palácio Velho, é um exemplo de como o espaço pode ser moldado por atividades produtivas e como essas atividades podem ter impactos sociais e ambientais.

A arquitetura monumental das igrejas e edifícios públicos, por exemplo, demonstra o poder da Igreja Católica e da elite colonial. Já os cortiços e becos estreitos revelam as precárias condições de vida das classes menos favorecidas. A materialização do que está exposto acima se encontra nos monumentos arquitetônicos que constituem parte daquilo que tem a ver com a expressão patrimonial da cidade.

O espaço de Ouro Preto é um importante elemento para a construção da identidade cultural da cidade. As ruas de paralelepípedos, as casas coloniais, as igrejas barrocas e outros elementos do patrimônio histórico contribuem para a preservação da memória e do senso de pertencimento da comunidade.

Atualmente, Ouro Preto enfrenta desafios relacionados à preservação do seu patrimônio histórico e à sua integração com o desenvolvimento urbano contemporâneo¹². É necessário encontrar soluções que conciliem a valorização da história e da cultura da cidade com as necessidades da sociedade atual.

Ao analisar o espaço de Ouro Preto sob a ótica da dialética entre produto e produtor, podemos compreender como a história, a cultura, as relações de poder e as atividades econômicas moldaram a organização espacial da cidade. Essa análise contribui para a reflexão sobre os desafios contemporâneos da cidade e para a busca de soluções que conciliem a preservação do patrimônio histórico com o desenvolvimento urbano.

Em suma, a relação entre cultura, memória e espaço é complexa e dinâmica. A cidade de Ouro Preto, com seu patrimônio histórico e cultural, exemplifica essa interação, onde a memória e a cultura são expressas e transmitidas através do espaço físico. As teorias de Milton Santos e Henri Lefebvre contribuem para a compreensão dessa relação, ao destacarem a importância das práticas sociais e políticas na produção e manutenção do espaço. Portanto, é fundamental considerar esses elementos ao analisar e preservar o patrimônio cultural de uma cidade, a fim de garantir a valorização da memória e da identidade de uma comunidade.

O Patrimônio cultural em Ouro Preto é um organismo vivo, influenciado pela presença africana. Segundo Milton Santos em “A natureza do espaço” e Henri Lefebvre na “produção do espaço”, elementos históricos, eventos marcantes, produção cultural e desafios contemporâneos moldam a cidade, tornando-a um reflexo da memória cultural e patrimonial. A presença africana na formação e contribuição da cultura de Ouro Preto é fundamental e muitas vezes oculta, mas perceptível nos artefatos e no cenário romântico que permeia a cidade. Assim, a

¹⁰ O Largo do Rosário é uma praça pública localizada no centro histórico de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. A praça é conhecida por sua bela arquitetura colonial, incluindo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Chafariz do Rosário.

¹¹ Assim como nas outras minas de Ouro Preto e região, a exploração no Palácio Velho também ocorreu em meados do século XVIII. No entanto, a visitação turística é mais recente que as demais – está aberta e devidamente adaptada à função há três anos. <https://ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/1012>

¹² <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3682>

cidade se torna um lugar onde o passado e o presente se entrelaçam, ressaltando a importância da preservação e valorização da cultura africana em seu patrimônio.

4 APRESENTAR A PERSPECTIVA NEGATIVA QUE SUSTENTA A CIDADE

A presente sessão pretende explorar a contradição existente em Ouro Preto, Minas Gerais, a partir de sua expressão cultural e memória, onde a influência eurocêntrica é evidente. Ao abordar a arquitetura e os valores adquiridos ao longo da história, percebe-se uma expressividade eurocêntrica marcante na cidade. Neste contexto, surge a contradição que será analisada de forma dialética, revelando potências ocultas por trás da aparente linearidade progressiva da história.

Para enriquecer essa reflexão, farei uma breve introdução ao pensamento de Adorno, a fim de problematizar a construção discursiva do espaço cultural e da memória em Ouro Preto. Destacarei a perspectiva negativa que permeia a cidade, evidenciando as nuances que revelam a desigualdade na valorização da cultura afrodescendente em relação à eurocêntrica. O turismo em Ouro Preto, por exemplo, tende a enfatizar a presença europeia em detrimento da contribuição preta para a história local.

É fundamental compreender que a maioria da população de Ouro Preto é preta, com raízes em descendentes de escravos, o que contrasta com a narrativa eurocêntrica predominante na construção da cidade. A reflexão proposta nesta sessão visa dar indícios a essas narrativas hegemônicas e promover uma visão mais inclusiva e plural da história e da cultura de Ouro Preto.

4.1 A perspectiva negativa

Ouro Preto-MG, surge como um palco singular para a reflexão sobre a dialética negativa proposta pelo filósofo alemão Theodor W. Adorno. Em sua obra seminal, “Dialética Negativa, 2009”, Adorno explora a tensão entre a memória do passado e a realidade do presente, questionando a possibilidade de conciliação e redenção em um mundo marcado pela opressão e pela alienação.

Ouro Preto, outrora opulenta capital do ciclo do ouro no Brasil colonial, hoje se ergue como um monumento à beleza e à memória fantasmagórica de um passado grandioso. As ruas de paralelepípedos, os imponentes monumentos barrocos e as casas coloniais multicoloridas sussurram histórias de riqueza, exploração e escravidão, criando um cenário propício para a análise adorniana da dialética negativa.

Adorno argumenta que a história não se desenvolve linearmente em direção a um futuro progressista (W. ADORNO THEODOR, 2009). Em vez disso, a história é marcada por rupturas, contradições e retrocessos, impedindo a realização de uma utopia idealizada. A dialética tradicional (HEGEL, 1992), com sua ênfase na síntese e na reconciliação, falha em capturar a complexa e contraditória natureza da realidade.

Em Ouro Preto, essa falha da dialética tradicional se manifesta de forma evidente. A cidade, outrora símbolo de riqueza e poder, hoje se encontra em um

estado de relativa decadência em relação ao seu passado glorioso. Seus monumentos, embora grandiosos, guardam as marcas do tempo e da negligência. A beleza da cidade se entrelaça com a brutalidade de seu passado, criando uma atmosfera de melancolia e nostalgia.

A dialética negativa de Adorno oferece uma lente analítica poderosa para compreender essa contradição. Através da negação do passado e da recusa em reconciliar as contradições do presente, a dialética negativa nos convida a confrontar a realidade em toda sua complexa e imperfeita beleza.

A dialética é a consciência consequente da não-identidade. Ela não assume antecipadamente um ponto de vista. O pensamento é impelido até ela a partir de sua própria inevitável insuficiência, de sua culpa pelo que pensa. Se objetarmos à dialética, tal como se fez repetidamente desde os críticos aristotélicos de Hegel, ² que ela reduz indiscriminadamente tudo o que cai em seu moinho à forma meramente lógica da contradição, deixando de lado — assim ainda argumentava Croce ³ — a plena multiplicidade do não-contraditório, do simplesmente diverso, então deslocamos a culpa da coisa para o método. O que é diferenciado aparece como divergente, dissonante, negativo, até o momento em que a consciência, segundo a sua própria formação, se vê impelida a impor unidade: até o momento em que ela passa a avaliar o que não lhe é idêntico a partir de sua pretensão de totalidade. Isso é o que a dialética apresenta à consciência como contraditório. (W.ADORNO THEODOR, p.8,2009).

Podemos relacionar o trecho citado de Adorno sobre a dialética como a consciência da não-identidade com a história de Ouro Preto, em Minas Gerais, ao considerar as contradições e tensões presentes na trajetória da cidade.

Assim como a dialética questiona a busca por uma totalidade homogênea e aponta para a diversidade e não-identidade das coisas, a história de Ouro Preto também revela uma série de contradições e complexidades. Por exemplo, a riqueza gerada pela exploração do ouro na região trouxe consigo tanto um florescimento cultural e arquitetônico quanto a exploração desumana dos trabalhadores escravizados.

Da mesma forma, a dialética de Adorno desafia a ideia de uma unidade harmoniosa e aponta para a necessidade de lidar com as contradições e diferenças de forma crítica. Ao relacionar esse conceito com a história de Ouro Preto, podemos refletir sobre as tensões entre o desenvolvimento econômico, cultural e social da cidade e as injustiças e desigualdades que marcaram esse processo.

Portanto, ao considerar a dialética como a consciência da não-identidade e aplicá-la à história de Ouro Preto, podemos explorar as contradições, conflitos e desafios enfrentados pela cidade ao longo do tempo, proporcionando uma análise mais profunda e crítica da sua trajetória histórica e cultural.

Ouro Preto, nesse contexto, se torna um espaço para a reflexão crítica sobre a memória, a história e a própria natureza da beleza. A cidade nos convida a questionar as narrativas oficiais que celebram seu passado grandioso e a reconhecer as sombras que se escondem em seus cantos mais escuros.

Através da dialética negativa, podemos desvendar as camadas de Ouro Preto e descobrir uma cidade que transcende os clichês e as romantizações. Uma cidade

que nos convida a confrontar a nossa própria história, a nossa própria memória e a nossa própria relação com o passado.

4.2 O negativo.

A partir da ótica da dialética negativa de Theodor W. Adorno, através dessa lente, buscamos desvendar as contradições presentes na narrativa oficial da cidade, que a apresenta como um monumento eurocêntrico e homogêneo, ignorando a rica herança afrodescendente e as complexas relações de poder que moldaram sua história.

O conceito de negativo, segundo Adorno, 2009, se refere àquilo que não está explicitamente expresso, mas que se manifesta nas contradições e tensões da realidade. É através da negação do positivo, daquilo que é tido como evidente e inquestionável, que podemos desvendar as potências ocultas e as relações de poder que subjazem à superfície.

A dialética negativa, conforme proposta por Theodor W. Adorno, pode ser considerada um 'antissistema' devido à sua abordagem crítica e subversiva em relação às estruturas de poder, às ideologias dominantes e aos sistemas de pensamento estabelecidos. p10, 2009

A cidade de Ouro Preto, em sua positividade, se apresenta aos sentidos como um patrimônio histórico de características eurocênicas, destinado ao consumo de uma classe social privilegiada. Essa narrativa oficial, no entanto, mascara a negatividade presente na história da cidade, onde a escravidão, a exploração e a marginalização da população preta moldaram significativamente sua identidade.

A negatividade em Ouro Preto se manifesta de diversas formas: na invisibilidade da contribuição afrodescendente na construção da cidade, na marginalização da cultura preta na narrativa oficial, na exclusão da população preta dos benefícios do turismo e na perpetuação de estereótipos racistas.

Apesar de renegada pela narrativa oficial eurocêntrica, a afrocentricidade se expressa em diversos cantos de Ouro Preto. A presença de descendentes de escravos, a riqueza da cultura afro-brasileira manifestada na música, na culinária, na religiosidade e nas tradições populares, e a resistência histórica da população preta contra a opressão são elementos que evidenciam a potência da negatividade na cidade.

A dialética negativa de Adorno nos convida a romper com a passividade da contemplação e a engajar-se em uma crítica ativa da realidade. Através da desconstrução da narrativa oficial eurocêntrica e da valorização da negatividade, podemos contribuir para a construção de uma Ouro Preto mais justa, plural e democrática.

Ouro Preto, além de sua beleza inegável, guarda em suas entranhas uma história complexa e contraditória. Através da dialética negativa de Adorno, podemos desvendar as potências ocultas da negatividade e construir um olhar crítico sobre a cidade, reconhecendo a importância da herança afrodescendente e lutando por uma sociedade mais justa e inclusiva.

5 AFROCENTRICIDADE.

Esta seção tem como objetivo analisar a presença do movimento negro em Ouro Preto, Minas Gerais, sob a ótica da afrocentricidade. Através da dialética entre o Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa¹³, movimento estético e político do século XIX¹⁴, e a afrocentricidade, valorização da cultura e identidade afro-brasileira, busca-se desvendar as complexas relações de poder e as contradições presentes na história da cidade.

A narrativa oficial de Ouro Preto a apresenta como um monumento eurocêntrico, símbolo da história colonial brasileira. No entanto, essa narrativa ignora a rica herança afrodescendente da cidade, relegando-a à margem da memória e da expressão cultural. O Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa, marcado pela valorização da emoção, da individualidade e da liberdade das pessoas pretas, também se caracteriza por uma crítica social e política. Autores tais como Luiz Gama, Manoel Joaquim de Lemos, Leônidas Damásio, Affonso de Britto, Samuel Brandão, Manoel Ozzori ao longo da história de Ouro Preto e do Brasil, denunciaram as mazelas da escravidão e da desigualdade social, defendendo a valorização da cultura negra e a construção de uma sociedade mais justa¹⁵.

Luiz Gama, denunciava as mazelas da escravidão e da desigualdade social de diversas formas. Ele expõe casos brutais de abandono de recém-nascidos de cor parda à porta de casas de brancos, como forma de criticar a crueldade e a falta de humanidade presentes na sociedade da época (Gama, p.24). Além disso, Gama descreve cenas de violência extrema contra escravos, como o caso de um escravo que foi chicoteado e queimado vivo, utilizando uma retórica abolicionista para sensibilizar a opinião pública sobre a brutalidade da escravidão (Gama, p.48).

Através de suas narrativas e denúncias¹⁶, Luiz Gama busca expor a realidade cruel vivida pelos escravos e pelos negros no Brasil, destacando a urgência da abolição da escravidão e da conquista da igualdade social e racial. Ele utiliza sua escrita como uma forma de resistência e de luta pelos direitos humanos, confrontando as injustiças e as violências cometidas contra os mais vulneráveis na sociedade (Gama p. 22, 49, 16, 47).

Essa abordagem incisiva e contundente de Luiz Gama em relação às mazelas da escravidão e da desigualdade social contribuiu significativamente para a

¹³ Deslocamento da memória ativa e inativa é quanto ao longo do próprio processo histórico há por parte dos grupos oprimidos na sociedade uma tomada de posição que visa emancipar suas condições de liberdade em relação a qualquer gesto de opressão. Isso pode ocorrer em qualquer grupo que uma vez consciente de seu estado de opressão se opõem de forma aberta ou velada. Se utilizando da memória social para mudar sua condição.

¹⁴ Em Laurentino Gomes, encontramos a seguinte citação relevante para a discussão sobre o movimento estético e político do século XIX e a afrocentricidade: “Nada disso, porém, é novidade. Em 1937, ou seja, cinco décadas após a Lei Áurea, o antropólogo alagoano Arthur Ramos, um dos pioneiros no estudo do tema no Brasil, alertava para a persistência de diferentes formas de exploração do negro. Uma delas seria justamente de natureza política. Nesse caso, haveria um esforço deliberado de adulteração ou reinterpretação de fatos, personagens e fenômenos históricos com propósitos políticos.” [T1, p. 17]

¹⁵ https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3461/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_AntiescravismoRacializa%C3%A7%C3%A3oOuro.pdf

¹⁶ “Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 15. 12 “Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 12. 20

conscientização e mobilização em prol da abolição e da promoção da igualdade no Brasil do século XIX.

5.1 Afrocentricidade deseurocentricidade

A afrocentricidade é uma corrente de pensamento que valoriza a cultura, a história e a identidade afro-brasileira. Busca-se ressignificar a herança africana no Brasil, reconhecendo sua importância na formação da sociedade brasileira e combatendo o racismo estrutural.

O conceito de afrocentricidade foi cunhado e elaborado por Molefi Asante (1980) e desenvolvido como paradigma de trabalho acadêmico no final do século XX. Mas, antes disso, a abordagem afrocentrada mais ampla já possuía um extensa genealogia na qualidade de modo de pensamento e orientação para a investigação. Cumpre observar, por exemplo, que uma importante crítica ao Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1967[1854]), tratado racista de Arthur de Gobineau, foi elaborada por Anténor Firmin, destacado intelectual haitiano, na obra *Da igualdade das raças humanas: antropologia positiva* (1967[1885])¹. A tradição de pensamento afrocentrada desenvolvida no contexto intelectual do Ocidente consiste, com efeito, num ato de resistência. Ligada intimamente ao pan - africanismo, ela se constitui na tessitura das ligações entre continente e diáspora ao protagonizar essa resistência. Assim, um ponto de partida simbólico para iniciar uma apreciação dessa tradição pode ser a cerimônia de voodoo conduzida na localidade de Bwa Kayiman, no dia 14 de agosto de 1791, por Boukman Dutty, Cécile Fatiman, uma manbo (mãe - de - santo) do voodoo e duzentos fiéis. Esse evento desembocou na insurreição de cinquenta mil pessoas, que tomaram a região de Plaine du Nord e acionaram a rede de resistência que deflagrou uma revolta geral em toda a ilha.(ELISA LARKIN NASCIMENTO., 2014).

O texto apresentado nos convida a mergulhar na história da afrocentricidade, desde suas raízes até o seu impacto na cidade de Ouro Preto. Através da análise crítica do conceito, podemos desvendar as suas relações com a memória afrodescendente da cidade e o processo de resistência contra a opressão racial.

O conceito de afrocentricidade, cunhado por Molefi Asante em 1980, se consolidou como um paradigma acadêmico no final do século XX. No entanto, suas raízes remontam a

¹“Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 20. 4 “Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 4. 41 “Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 41. 55 “Liberdade 1880–1882” de Luiz Gama, página 55.

um passado longínquo, onde a afrocentricidade já se manifestava como modo de pensar e orientar a investigação.

Um exemplo emblemático dessa trajetória é a obra “Da Igualdade das Raças Humanas: Antropologia Positiva” (1885) do intelectual haitiano Anténor Firmin, uma crítica contundente ao racismo presente no “Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas” (1854) de Arthur de Gobineau.

A afrocentricidade se entrelaça com o pan-africanismo, tecendo laços entre o continente africano e sua diáspora (ELISA LARKIN NASCIMENTO., 2014). A cerimônia de vodu realizada em Bwa Kayiman, Haiti, em 1791, simboliza essa conexão. Liderada por Boukman Dutty e Cécile Fatiman, a cerimônia mobilizou milhares de pessoas e deu início a uma revolta geral contra a escravidão na ilha.

Em Ouro Preto, a afrocentricidade se manifesta de diversas formas, desafiando a narrativa eurocêntrica dominante e ressignificando a história da cidade. A rica cultura afro-brasileira, presente na música, na culinária, na religiosidade, nas tradições populares e na arte, demonstra a vitalidade e a criatividade da população preta.

A resistência histórica contra a opressão e a marginalização também revela a força e a resiliência do povo negro na luta por seus direitos e por uma sociedade mais justa. A produção intelectual de autores, artistas e pensadores negros contribui para a construção de uma narrativa alternativa da história de Ouro Preto e do Brasil.

A afrocentricidade em Ouro Preto é um movimento que busca ressignificar a história da cidade, reconhecendo a importância da população preta e afirmando sua subjetividade autônoma. Através da valorização da cultura afro-brasileira, da construção de uma memória própria e da luta contra o racismo estrutural, a afrocentricidade contribui para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

O conceito de afrocentricidade surge como uma fusão entre o Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa e a afrocentricidade, buscando promover uma reflexão sobre a subjetividade brasileira e sua autonomia.

Através de uma estrutura que combina elementos do deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa e da afrocentricidade, a afrocentricidade propõe a expressão de uma autonomia que não é definida por outros, mas que emerge por si só.

Ao considerar a história de Ouro Preto, é importante reconhecer que a narrativa da comunidade preta muitas vezes é filtrada pela perspectiva dominante da comunidade branca. A afrocentricidade propõe justamente a inversão dessa dinâmica, permitindo que a memória e a identidade preta sejam definidas pelos próprios sujeitos, e não por visões externas egocêntricas e dominantes.

Dessa forma, a afrocentricidade busca dar voz e autonomia à comunidade preta, desvinculando-a das amarras impostas pela narrativa histórica dominante.

5.2 Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa

O deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa é um fenômeno complexo que reflete as condições históricas, artísticas e culturais de um determinado grupo social. Este fenômeno é caracterizado pela ênfase na emoção, na individualidade e na liberdade de expressão, especialmente em contextos onde certos grupos são marginalizados em detrimento de outros que detêm privilégios sociais¹⁷.

No contexto de pessoas ou grupos historicamente oprimidos, a rejeição do racionalismo vigente é uma característica importante. Conforme Duncan Bell, 2006¹⁸, no contexto de pessoas ou grupos historicamente oprimidos, a rejeição do racionalismo vigente pode ser uma característica importante, pois pode representar uma resistência à lógica dominante que muitas vezes perpetua estruturas de opressão. Essa rejeição pode ser uma forma de desafiar as narrativas hegemônicas e buscar novas formas de compreender e enfrentar as injustiças históricas (Duncan Bell, p.215, 2006). Além disso, ao questionar o racionalismo vigente, esses grupos podem estar buscando formas alternativas de conhecimento e expressão que reflitam suas experiências e perspectivas únicas, em contraposição à visão tradicionalmente dominante (Duncan Bell p. 221, 2006). Isso ocorre porque o racionalismo muitas vezes pode ser utilizado para justificar situações de injustiça a ideia de que a lógica e a razão, que são as bases do racionalismo, podem ser manipuladas para sustentar argumentos que perpetuam injustiças. Em vez de serem usadas para promover a equidade e o bem-estar, as ferramentas do racionalismo podem ser aplicadas de maneira seletiva ou distorcida para defender práticas injustas ou desiguais, como discriminação, exploração ou opressão.

Por exemplo, ao longo da história, argumentos racionalistas foram usados para justificar o colonialismo, a escravidão e a exclusão social de certos grupos com base em gênero, raça ou classe. Isso demonstra que a razão não é infalível e pode ser influenciada por preconceitos e interesses de poder.

Portanto, é importante reconhecer que o racionalismo deve ser acompanhado de uma reflexão ética e moral para garantir que seja usado de forma justa e equitativa. O que leva os povos em situação de opressão a valorizarem meios não sistemáticos da razão para conquistar suas liberdades. Em situações de opressão, é comum que os povos valorizem meios não sistemáticos como formas de resistência e preservação de identidade cultural. Segundo Paul Ricoeur, 2004¹⁹ essas estratégias podem incluir práticas de memória coletiva, narrativas orais, expressões artísticas e culturais, e outras formas de resistência simbólica que desafiam as estruturas de poder dominantes (Paul Ricoeur, p.238, 2004). Esses meios não sistemáticos muitas vezes representam uma forma de reivindicar autonomia e dignidade em contextos

¹⁷ “A experiência do terror ... desloca o tempo, que é a mais abstrata de todas as moradas da humanidade”, pode ser encontrada na Introdução do livro “Memory, Trauma and World Politics”, editado por Duncan Bell. Esta parte discute a relação entre memória, trauma e identidade política, e menciona como eventos traumáticos podem deslocar a percepção do tempo e afetar profundamente a identidade. É uma reflexão sobre como experiências extremas de terror podem perturbar a continuidade temporal e a compreensão do eu e da comunidade.

¹⁸ A obra “Memory, Trauma and World Politics: Reflections on the Relationship Between Past and Present” explora a influência da memória social de traumas passados em diversos conflitos ao redor do mundo. Os autores analisam como a memória traumática molda ações habituais e o potencial terapêutico de reconhecer essas dimensões em conflitos.

¹⁹] Ricoeur, P. (2004). Memory, History, Forgetting. University of Chicago Press.

de opressão, permitindo que os grupos oprimidos preservem sua história e resistam à tentativa de apagamento de suas identidades (Paul Ricoeur, p.103.2004). Nesse sentido, a emoção e a intuição são valorizadas em detrimento da razão, permitindo uma conexão mais profunda com os valores e a ancestralidade desses grupos, que reconhecem sua subjetividade para além do que o sistema social opressor impõe.

Esse reconhecimento da subjetividade é celebrado como uma característica marcante, destacando a singularidade e autenticidade dos grupos marginalizados. A importância da expressão pessoal e da originalidade é ressaltada, evidenciando a necessidade de valorizar e preservar as identidades culturais desses grupos.

Essas reflexões sobre o deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa encontram eco em discussões abolicionistas, como aquelas apresentadas por autores como Luiz Gama, Manoel Joaquim de Lemos, Leônidas Damásio, Affonso de Brito e Samuel Brandão. A luta pela liberdade e pela justiça social muitas vezes envolve a valorização da subjetividade e da expressão autêntica dos grupos marginalizados, buscando romper com estruturas opressoras e promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

6 MEMÓRIA, REINTEGRAÇÃO DE SENTIDO E SUBJETIVIDADE

A relação entre memória, reintegração de sentido e subjetividade é fundamental na construção e interpretação da história. A memória, tanto individual quanto coletiva, desempenha um papel crucial na reintegração de eventos passados e na atribuição de significado a eles. A subjetividade dos indivíduos envolvidos na transmissão e interpretação desses eventos influencia a forma como a história é contada e compreendida. Portanto, ao analisar o passado, é essencial considerar a complexa interação entre memória, reintegração de sentido e subjetividade para obter uma compreensão mais profunda e contextualizada dos acontecimentos históricos.

Desenterrar silêncios, e a subsequente ênfase do historiador sobre o significado retroativo de eventos até então negligenciados, consiste em algo que exige não apenas trabalho adicional com os arquivos – sejam fontes primárias ou não o material que se use –, mas também um projeto vinculado a uma interpretação[...] A história oral não escapa a essa lei, exceto que, no caso da transmissão oral, o momento da criação do fato é continuamente prolongado nos próprios corpos das pessoas que participam dessa transmissão. A fonte é viva. (Michel-Rolph, p.6389, 2016).

Memória pode ser entendida como o conjunto de lembranças, experiências e narrativas que são transmitidas ao longo do tempo e que moldam a identidade e a compreensão de um povo ou de uma sociedade em relação ao seu passado. A memória, nesse contexto, não se restringe apenas ao âmbito individual, mas também abarca a memória coletiva de um grupo, comunidade ou nação.

Não é que algumas sociedades distingam ficção de história e outras não. Mas sim que a diferença está no espectro de narrativas que coletividades específicas têm de submeter aos seus próprios testes de credibilidade histórica por conta das cargas envolvidas nessas narrativas. A história é para uma coletividade aquilo que a lembrança é para um indivíduo, a

recuperação mais ou menos consciente de experiências passadas armazenadas na memória. (Michel-Rolph, p.104, 2016).

Através da memória, são preservados os relatos e testemunhos sobre eventos históricos, como a escravidão, que são fundamentais para a compreensão do presente e para a construção de um futuro mais justo e igualitário (GOMES; LAURENTINO, 2021). A memória também desempenha um papel crucial na preservação da cultura, das tradições e da identidade de um povo, contribuindo para a formação de uma consciência histórica e crítica.

Dessa forma, a obra de Laurentino Gomes aborda a importância da memória como ferramenta essencial para a reflexão sobre o passado, o enfrentamento das injustiças e a promoção da justiça social, resgatando e dando voz às histórias e experiências daqueles que foram marginalizados e oprimidos ao longo da história.

Tanto quanto em Ouro Preto, a escravidão plantou muitas Áfricas no coração do Brasil. Elas germinaram e floresceram ao longo dos séculos, ao custo de muita dor e sofrimento. O cativo separava pais e filhos, maridos e esposas, famílias e comunidades inteiras que, na África, tinham convivido e compartilhado os mesmos costumes e crenças por muitas gerações. A identidade original do escravo era eliminada mediante um processo de desenraizamento, que o sociólogo Orlando Patterson chamou de “morte social”. Para trás ficavam seus laços familiares, convicções religiosas, status social e memórias coletivas. (GOMES; LAURENTINO, 2021).

O texto de Gomes (2021) apresenta um panorama pungente da diáspora africana no Brasil, onde a escravidão plantou “muitas Áfricas” em solo brasileiro. Essas “Áfricas” germinaram e floresceram ao longo dos séculos, mas ao custo de imenso sofrimento. O cativo separou famílias, comunidades e aniquilou identidades, impondo uma “morte social” aos cativos.

6.1 Reintegração de sentido

Diante desse passado brutal, a reintegração se configura como um farol de esperança, um processo de reconstrução e resgate daquilo que foi roubado. É um compromisso com a justiça e a reparação, buscando ressignificar a história e construir um futuro mais digno e equitativo.

A reintegração deve impulsionar o resgate da história e da cultura africana, reconhecendo sua importância na formação da identidade brasileira. Através do acesso à educação, à cultura e à memória ancestral, indivíduos e comunidades afrodescendentes poderão se reconectar com suas origens e fortalecer seu senso de pertencimento.

Laurentino Gomes, a reintegração de sentido pode ser exemplificada pela seguinte passagem:

O Brasil dos colonizadores europeus foi construído por negros, mas sempre sonhou ser um país branco. Essa atitude, ainda na interpretação de Arthur Ramos, estaria presente em textos, sermões, discursos e crônicas de viagem da época da colônia até o Segundo Império, que representavam os africanos e seus descendentes como seres ‘pitorescos’, ‘interessantes’, ‘exóticos’, quando não ‘selvagens’ ou ‘pagãos’, a serem salvos da barbárie no seio da Igreja Católica e, portanto, muito diferentes do biotipo padrão dos observadores, todos

eles invariavelmente brancos e de ascendência europeia.(Laurentino Gomes, p. 17,2019).

Neste trecho, a reintegração de sentido ocorre ao relacionar a construção do Brasil pelos negros com a idealização de um país branco, evidenciando a contradição entre a contribuição dos africanos na formação da sociedade brasileira e a visão predominante de uma identidade nacional eurocêntrica. Essa análise permite uma reflexão mais profunda sobre as representações culturais e históricas presentes na sociedade brasileira, destacando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural do país.

A reintegração de sentido refere-se ao processo de restabelecer significado, coerência e compreensão em meio a experiências fragmentadas, traumáticas ou desafiadoras. Segundo Paul Ricoeur, em contextos de memória e história, a reintegração de sentido pode envolver a reconstrução narrativa do passado, a busca por conexões significativas entre eventos aparentemente desconexos e a atribuição de significado a experiências dolorosas ou perturbadoras (Paul Ricoeur p.18,2004). Esse processo de reintegração de sentido é fundamental para a construção de identidade, a resolução de conflitos internos e a promoção de um senso de continuidade e significado na vida individual e coletiva (Paul Ricoeur ,p.303,2004).

Dessa forma a reintegração exige a descolonização do saber, rompendo com visões eurocêntricas que distorcem e marginalizam a história e a cultura africana. É fundamental promover a valorização e o reconhecimento das epistemologias afro-brasileiras, garantindo espaço para que vozes pretas narrem suas próprias histórias e construam saberes autônomos.

A reintegração não se limita ao passado, mas se estende ao presente e ao futuro. É necessário um combate incansável ao racismo estrutural, que perpetua desigualdades e discriminações contra a população preta. Ações como cotas raciais, políticas públicas afirmativas e leis que combatem o racismo são ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A reintegração celebra a riqueza da diversidade afro-brasileira, reconhecendo as múltiplas identidades e experiências que compõem esse segmento da população. É fundamental promover o respeito à pluralidade cultural e à autodeterminação dos indivíduos e comunidades afrodescendentes, garantindo o direito à plena participação na sociedade.

A reintegração é um processo multifacetado que exige compromisso e ações concretas em diversos âmbitos. Através da reconexão com raízes ancestrais, da descolonização do saber, do combate ao racismo estrutural e do reconhecimento da diversidade, podemos reintegrar as “Áfricas” plantadas no coração do Brasil, promovendo a justiça social e a construção de um futuro mais promissor para todos.

6.2 Subjetividade social

A subjetividade de Ouro Preto pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas. A partir da história da mineração, do Patrimônio e da sua visibilidade, da memória e da identidade preta.

A cidade de Ouro Preto carrega consigo uma história marcada pela mineração aurífera e pela escravidão, sendo um dos principais polos escravistas do período colonial (NASCIMENTO, 2020). Essa história influenciou a formação da identidade e da subjetividade da cidade, evidenciando a presença e o protagonismo dos africanos escravizados durante o ciclo do ouro.

Ouro Preto é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, destacando seus bens culturais materiais e imateriais do século XVIII. No entanto, a cidade ainda dá pouca visibilidade ao protagonismo dos negros em sua história, ressaltando a necessidade de ressignificar a diáspora africana e repensar os paradigmas eurocêntricos presentes na construção da identidade da cidade (NASCIMENTO, 2020).

A presença da negritude e a história dos negros no Brasil são elementos essenciais para compreender a subjetividade de Ouro Preto. A materialidade das antigas minas auríferas, como a Mina do Veloso, evidencia a contribuição dos africanos na produção mineradora e na construção da cidade. A negação e ocultação da negritude ao longo da história são aspectos que influenciaram a forma como a identidade preta é percebida e valorizada na região.

Portanto, a subjetividade de Ouro Preto está intrinsecamente ligada à sua história, memória coletiva, patrimônio cultural e às relações étnico-raciais presentes na cidade (NASCIMENTO, 2020). A valorização da diversidade, a ressignificação da diáspora africana e a promoção de novas epistemologias e pedagogias são fundamentais para uma compreensão mais ampla e inclusiva da subjetividade dessa região.

A presença africana em Ouro Preto é evidente em sua arquitetura, na música, na culinária e nas tradições culturais. A influência africana é particularmente visível na música, com os ritmos e instrumentos africanos sendo incorporados à música barroca. A capoeira, uma forma de arte marcial de origem africana, também desempenhou um papel importante na cultura local.

Se Ouro Preto não carregava o mesmo status de centro do Brasil como o Rio de Janeiro, a antiga Vila Rica era a capital da província com o maior número de escravos durante todo o século XIX.1 (COTA, p. 44, 2010).

Além disso, a memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade de Ouro Preto. A preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade é uma forma de manter viva a memória das contribuições africanas. A arquitetura do século XVII, as igrejas e os museus são testemunhos tangíveis dessa história compartilhada.

Acredito que o conhecimento dos africanos escravizados, pode ser aprofundado nas áreas da arquitetura, da geologia, da matemática, assim como essas questões podem ser vistas dentro do campo da arqueologia, da educação e da história. É possível, por exemplo, criar um projeto de

intervenção que agregue os cursos da Universidade Federal de Ouro Preto e as escolas do município, por meio do qual seja possível suscitar discussões sobre como os vestígios da mineração africana nas minas auríferas podem ser utilizados no campo de estudo das ciências exatas, pensando, por exemplo, as técnicas de engenharia e o domínio da matemática e como isso era importante para a transmissão de saber, como esse conhecimento estava relacionado à história familiar de cada africano. (NASCIMENTO, p. 23,2020).

A reintegração de sentido é outro aspecto importante do deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa em Ouro Preto. Através da valorização da cultura africana e da história da escravidão, a cidade busca dar novo significado às experiências passadas. Através de eventos culturais, exposições e iniciativas educacionais, Ouro Preto busca recontextualizar a história e promover uma maior compreensão e valorização da cultura africana.

Os grupos de Congado e Moçambique de Ouro Preto, ao ressignificarem suas práticas culturais e religiosas, fazem renascer as festas pretas no município. O que esses grupos produzem não se resume a seus reinados na Festas do Rosário. É maior, mais amplo. São reencontros de mestres e mestras que mantêm viva nossa cultura imaterial e é essa discussão que pretendemos também estabelecer, falando desses grupos que, por meio de sua prática religiosa, fundamentada em sua ancestralidade africana, tem salvaguardando saberes, práticas, contidos e ritos, e tem estabelecido, em tempos de internet e mídias digitais, uma nova forma de resistência cultural reconectando passado e presente (SANTOS, 2022).

A subjetividade coletiva como forma de reconexão da construção de sentido, texto acima citado destaca a importância dos grupos como de Congado e Moçambique na preservação e valorização da cultura afro-brasileira em Ouro Preto. Através de suas práticas culturais e religiosas, esses grupos contribuem para manter viva a memória da ancestralidade africana e para o combate ao racismo e à discriminação.

Os grupos de Congado e Moçambique estão reinventando suas tradições, adaptando-as ao contexto contemporâneo (SANTOS, 2022). Essa reinvenção demonstra a vitalidade da cultura afro-brasileira e sua capacidade de se adaptar e se transformar ao longo do tempo. O papel dos grupos de Congado e Moçambique como agentes de resistência cultural, através de suas práticas, esses grupos desafiam a hegemonia cultural eurocêntrica e reivindicam o reconhecimento da cultura afro-brasileira como parte integrante da identidade brasileira.

A importância dos grupos de Congado e Moçambique na reconexão da comunidade afro-brasileira com sua ancestralidade africana é que através de suas práticas, esses grupos permitem que as pessoas se reconectem com suas raízes e com a história de seus antepassados (SANTOS, 2022).

É preciso destacar a importância da cultura imaterial para a identidade de um povo. Os grupos de Congado e Moçambique são guardiões de saberes, práticas, cantos e ritos que são transmitidos de geração em geração e que contribuem para a formação da identidade cultural afro-brasileira.

Os grupos de Congado e Moçambique estão dialogando com o presente e utilizando as ferramentas da modernidade, como a internet e as mídias digitais, para divulgar suas práticas e fortalecer sua resistência cultural.

Tudo isso é importante porque contribui para a valorização da cultura afro-brasileira, para o reconhecimento da importância da cultura imaterial e para o fortalecimento da resistência cultural contra o racismo e a discriminação.

A subjetividade afrocentrada é o negativo se apresentando em meio a uma expressão hegemônica eurocêntrica, por isso também desempenha um papel fundamental no Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa em Ouro Preto. Através do resgate da história africana e da valorização das contribuições africanas, torna-se um desejo social buscar dar voz e reconhecimento à comunidade afrodescendente. Isso permite que os afrodescendentes se vejam representados e valorizados na história e na cultura local, promovendo uma maior inclusão e igualdade.

O Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa em Ouro Preto, Minas Gerais, é uma abordagem que pode valorizar a contribuição africana na formação da cidade. Através da memória, da reintegração de sentido e da subjetividade, a cidade poderá reconhecer, valorizar e dar voz à comunidade afrodescendente. A preservação do patrimônio histórico e cultural, juntamente com iniciativas educacionais e culturais, são formas de promover uma maior compreensão e inclusão. O Deslocamento subjetivo de memória ativa e inativa em Ouro Preto é um exemplo de como a valorização da diversidade e da história compartilhada pode enriquecer a identidade e a cultura de uma cidade.

4 AS CONTRADIÇÕES ENTRE AS NARRATIVAS, O USO DO ESPAÇO E A CIDADE DE OURO PRETO

5

Em relação às contradições entre as narrativas, o uso do espaço e a cidade de Ouro Preto, podemos analisar a complexidade da interação entre a história, a cultura e a urbanização da cidade.

Ouro Preto é uma cidade histórica brasileira com um rico patrimônio cultural e arquitetônico, marcado pela influência da colonização portuguesa e pela exploração do ouro. As narrativas históricas presentes na cidade, como a época colonial e a Inconfidência Mineira, moldam a identidade e a imagem de Ouro Preto, influenciando o uso do espaço urbano para preservar e promover essas narrativas.

Em Ouro Preto, fatos e lendas se confundem sem cessar, muitas vezes impostos como verdades históricas inequívocas e transmitidas em nome da tradição. É o caso da adoção do termo Inconfidência Mineira, passível de compreensão diferenciada como conjuração ou rebelião popular. É sobre esses acordos culturais enrijecidos e que incidem sobre a produção do espaço que se pode lançar outros olhares, percepções e reflexões, na busca de nova compreensão hermenêutica e legitimação social. No âmbito da interpretação do patrimônio, o arsenal sensorial do morador e seu conhecimento vivencial do território são uma chave para a reflexão consistente. Através da socialização de informações dialogicamente trabalhadas, vislumbramos o processo de renovação daqueles acordos. (Villaschi p.187,2014).

As contradições também surgem quando há conflitos entre a preservação do patrimônio histórico e a necessidade de desenvolvimento urbano e econômico

²⁰. O uso do espaço em Ouro Preto pode refletir essas contradições, com áreas preservadas coexistindo com intervenções modernas que nem sempre respeitam a harmonia estética e histórica da cidade.

Ouro Preto enfrenta desafios relacionados à gestão do patrimônio, ao turismo desordenado, à especulação imobiliária e à infraestrutura urbana. Esses desafios podem gerar conflitos entre as narrativas históricas da cidade, o uso do espaço para atividades contemporâneas e a qualidade de vida dos moradores locais.

Para lidar com as contradições entre as narrativas, o uso do espaço e a cidade de Ouro Preto, é essencial promover um diálogo entre o passado e o presente, integrando a preservação do patrimônio com a inovação urbana de forma sustentável e inclusiva. O envolvimento da comunidade, a valorização da cultura local e a promoção do turismo responsável podem contribuir para a construção de uma cidade mais equilibrada e resiliente.

Ao explorar essas questões, é possível compreender melhor as dinâmicas complexas que envolvem as narrativas históricas, o uso do espaço e a cidade de Ouro Preto, destacando a importância de uma abordagem integrada e sensível para garantir a preservação e o desenvolvimento sustentável desse patrimônio cultural único.

7.1 Espaço Vivido Percebido

A abordagem do trabalho de Maria Cristina Rocha Simão (SIMÃO, 2016), a autora utiliza a tríade da produção do espaço de Henri Lefebvre como referencial teórico. Lefebvre propõe uma análise do espaço urbano considerando três dimensões interligadas: o espaço concebido (planejado e representado), o espaço vivido (experienciado no cotidiano) e o espaço percebido (interpretado e simbólico)

A outra abordagem lefebvriana refere-se à tríade da produção do espaço (LÉFÈBVRE, 2006), que baliza as categorias de análise definidas. A leitura foi realizada segundo a triplicidade dialética do espaço: o concebido, o vivido e o percebido. Foram trabalhados diretamente os espaços de representação (vivido), conjuntamente aos discursos sobre o patrimônio ou as representações do espaço (concebido) e às práticas socioespaciais (percebido). A partir daí, foram definidas as diretrizes que estruturaram a pesquisa de campo e articulada uma matriz analítica para o estudo dos dados levantados. (SIMÃO, p.27,2016).

Para aplicar a perspectiva lefebvriana, é essencial considerar como as representações do espaço (concebido), as práticas socioespaciais (percebido) e as vivências cotidianas dos moradores (vivido) se entrelaçam na construção e na apropriação do espaço urbano patrimonializado. A análise deve contemplar as diferentes percepções dos moradores em relação aos lugares patrimonializados, suas relações com esses espaços e as especificidades de cada contexto urbano estudado como afirma Cristina:

²⁰ [1] Turismo - Visão e Ação - vol. 8 - n.3 p. 455-467 set. /dez. 2006 Artigo recebido: jan./2006. Aprovado: dez./2006. Anna Maria de Gramont

Na medida em que os moradores são o alvo privilegiado das investigações da tese, são abordadas as diferenças e semelhanças entre as percepções: (a) dos moradores dos lugares patrimonializados e das zonas de incidência do patrimônio; (b) das diferentes relações com os lugares patrimonializados, ou seja, aqueles que moram, que estudam, que trabalham ou que utilizam seus serviços; (c) dos diferentes lugares da cidade; e, também, (d) entre os moradores dos casos referência – Ouro Preto e Guimarães. (SIMÃO, p.27,2016).

Além disso, a imersão nas cidades objeto de estudo, a observação da paisagem urbana e a interação com os moradores são fundamentais para compreender as relações estabelecidas entre as pessoas e o patrimônio no cotidiano, conforme preconizado por Lefebvre (SIMÃO, 2016). Através da observação sistemática e das entrevistas, é possível desvelar as dinâmicas de apropriação, vivência e significação do espaço patrimonializado pelos moradores, considerando a complexidade das relações sociais e simbólicas presentes nesses contextos (SIMÃO, p.88,2016).

Portanto, ao abordar a perspectiva de Lefebvre nesse trabalho, é essencial analisar como as dimensões do espaço (concebido, vivido e percebido) se manifestam nas práticas cotidianas dos moradores, nas representações do patrimônio urbano e nas relações estabelecidas com o espaço vivido, contribuindo para uma compreensão mais ampla e dialética da produção do espaço urbano patrimonializado.

7.2 Narrativas cidade vivida e percebida

No entanto, ao analisar as narrativas sobre a cidade, é possível identificar contradições em relação ao uso do espaço e à forma como a cidade é vivida e percebida pelos seus habitantes e visitantes.

Para compreender essas contradições, é importante recorrer à teoria de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço (LEFEBVRE, 2016). Segundo o autor, o espaço é concebido, percebido e vivido de diferentes maneiras, e essas dimensões muitas vezes entram em conflito.

O que produz guetos, isolados, grupos pavilhonares e pseudoconjuntos mal ligados aos arredores e aos centros. Com uma hierarquização estrita: espaços residenciais, espaços comerciais, espaços de lazer, espaços para os marginais etc. Uma curiosa lógica desse espaço predomina: que ele se vincula ilusoriamente à informatização e oculta, sob sua homogeneidade, as relações “reais” e os conflitos. Além disso, parece que essa lei ou esse esquema do espaço com sua lógica (homogeneidade-fragmentação-hierarquização) tomou um alcance maior e atingiu uma espécie de generalidade, com efeitos análogos, no saber e na cultura, no funcionamento da sociedade inteira. (LEFEBVRE, p.11,2016).

Henri Lefebvre discute como determinadas práticas e estruturas no espaço urbano resultam na formação de guetos, áreas isoladas, conjuntos habitacionais fragmentados e mal conectados com os arredores e centros urbanos. Ele destaca a presença de uma hierarquização rígida, onde diferentes espaços são destinados a

usos específicos, como residenciais, comerciais, de lazer e para grupos marginalizados.

Lefebvre aponta para uma lógica peculiar nesse processo, onde o espaço urbano se relaciona de forma ilusória com a informatização, ocultando sob uma aparente homogeneidade as relações reais e os conflitos presentes na sociedade. Ele sugere que essa lógica de homogeneidade, fragmentação e hierarquização do espaço não se restringe apenas ao ambiente físico, mas também se estende ao conhecimento, à cultura e ao funcionamento da sociedade como um todo.

Essa reflexão de Lefebvre evidencia como a organização do espaço urbano não é apenas uma questão física, mas também uma expressão das relações sociais, políticas e econômicas que moldam a vida nas cidades. Ele aponta para a necessidade de compreender o espaço urbano não apenas como um ambiente físico, mas como um campo de disputas, poder e significados que influenciam a vida cotidiana e as dinâmicas sociais.

No caso de Ouro Preto, a cidade foi concebida como um centro de exploração do ouro, o que resultou na construção de igrejas, casarões e ruas estreitas que refletiam o poder e a riqueza dos colonizadores. No entanto, a maneira como o espaço é percebido e vivido pelos habitantes e visitantes da cidade pode ser muito diferente.

Enquanto os turistas visitam a cidade para apreciar a arquitetura colonial e reviver a história do Brasil, os moradores enfrentam desafios como a falta de infraestrutura, habitação precária e dificuldades econômicas. Essa contradição entre a memória e o espaço vivido é evidente nas áreas periféricas da cidade, onde a pobreza e a falta de investimento contrastam com a imagem de riqueza e prosperidade associada a Ouro Preto.

Outra contradição importante é a relação entre o espaço público e o espaço privado. Ouro Preto é conhecida por suas igrejas e largos, que são espaços privados de grande importância histórica e cultural. No entanto, a cidade também abriga muitas residências particulares que se enquadram dentro do conjunto de patrimônios tombados, que muitas vezes são fechadas para o público.

A dicotomia entre o espaço público e o espaço privado pode, de fato, criar uma separação entre a história oficial representada nos espaços patrimoniais e a vida cotidiana dos moradores da cidade. Essa divisão pode resultar em uma fragmentação da experiência urbana, onde a narrativa oficial do patrimônio histórico se sobrepõe à vivência cotidiana dos habitantes (SIMÃO, p.68, 2016).

Quando a história e a memória coletiva presentes nos espaços patrimoniais são dissociadas da vida cotidiana dos moradores, pode ocorrer uma alienação em relação ao ambiente urbano. A falta de conexão e de apropriação dos espaços patrimoniais pelos habitantes pode gerar uma sensação de estranheza e distanciamento em relação à própria cidade.

Nesse sentido, é importante considerar a integração entre a história oficial representada nos espaços públicos e a vida cotidiana dos moradores, buscando promover uma maior interação e apropriação dos espaços patrimoniais pela comunidade local (SIMÃO, 2016). A valorização da memória coletiva, a promoção de práticas de preservação participativas e a inclusão das narrativas dos moradores

na construção do patrimônio urbano podem contribuir para superar essa dicotomia e para fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade em relação à cidade

Além disso, é importante destacar a contradição entre a narrativa institucional e as narrativas subjacentes sobre a cidade. A história de Ouro Preto é frequentemente contada a partir da perspectiva dos colonizadores e dos poderes dominantes. No entanto, existem outras histórias que não são amplamente divulgadas, como a história dos povos indígenas e dos escravizados que contribuíram para a construção e desenvolvimento da cidade. Essas narrativas subjacentes muitas vezes são invisibilizadas e silenciadas, resultando em uma visão parcial e distorcida da história de Ouro Preto.

A narrativa institucional refere-se à versão oficial da história, muitas vezes promovida por instituições, governos ou grupos dominantes, que busca legitimar determinadas visões e interpretações dos eventos passados. Essa narrativa pode ser influenciada por interesses políticos, econômicos e sociais, e tende a destacar aspectos positivos ou a minimizar aspectos negativos de determinados acontecimentos históricos, como a escravidão.

Por outro lado, as narrativas subjacentes sobre a cidade representam as histórias não oficiais, muitas vezes marginalizadas ou silenciadas, que revelam perspectivas alternativas, contrapontos e vozes que não estão presentes na narrativa institucional. Essas narrativas subjacentes podem emergir de comunidades marginalizadas, grupos minoritários, movimentos sociais ou pesquisadores que buscam resgatar memórias esquecidas, reinterpretar eventos históricos sob novas luzes e dar voz aos excluídos da história.

Em conclusão, as contradições entre as narrativas, o uso do espaço e a cidade de Ouro Preto são evidentes ao analisar a forma como o espaço é concebido, percebido e vivido pelos seus habitantes e visitantes. A relação entre a memória e o espaço, a dicotomia entre o espaço público e o espaço privado e a inviabilização das narrativas subjacentes são exemplos dessas contradições.

8 A FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO EM OURO PRETO

Nesta sessão, exploraremos a fenomenologia do espaço em Ouro Preto, considerando a natureza do espaço, os sujeitos envolvidos, a totalidade e a relação entre espaço e história. Também abordaremos a perspectiva hermenêutica como forma de interpretação dos elementos que apresentam a cidade em sua produção de sentido a partir de sua totalidade imagética discursiva narrativa.

8.1 Fenomenologia do espaço através de Santos.

A fenomenologia do espaço é um conceito complexo que tem sido amplamente estudado e discutido. Milton Santos²¹, renomado geógrafo brasileiro, contribuiu significativamente para a compreensão desta temática .

Milton Santos abordou a fenomenologia do espaço de forma crítica e reflexiva, integrando conceitos filosóficos à sua análise geográfica(SANTOS, 1988). Ele reconheceu a importância de considerar a experiência vivida e a percepção do espaço na construção do conhecimento geográfico. Santos enfatizou que o espaço geográfico não é apenas um cenário neutro, mas sim um produto das relações sociais, culturais e históricas.

Ao aplicar a fenomenologia do espaço em seus estudos, Milton Santos buscou compreender como as pessoas interagem e se relacionam com o ambiente ao seu redor, considerando as dimensões sensoriais, emocionais e simbólicas envolvidas nesse processo. Ele explorou a forma como as experiências individuais e coletivas moldam a percepção do espaço e influenciam as práticas sociais e culturais.

Além disso, Santos destacou a importância de uma abordagem crítica e contextualizada ao analisar o espaço geográfico, levando em consideração as desigualdades sociais, as transformações urbanas e as dinâmicas territoriais(SANTOS, 2002). Sua visão fenomenológica do espaço contribuiu para uma compreensão mais ampla e profunda das relações entre sociedade, espaço e poder.

A natureza do espaço em Ouro Preto é caracterizada por uma combinação única de elementos naturais e construídos pelo homem. A cidade é famosa por sua arquitetura colonial, com suas ruelas de paralelepípedos, igrejas imponentes e casarões históricos . A paisagem natural também desempenha um papel importante, com colinas e montanhas cercando a cidade, proporcionando uma experiência estética única aos seus habitantes e visitantes. Essa combinação de elementos naturais e construídos contribui para a fenomenologia do espaço em Ouro Preto.

Os sujeitos que vivem e interagem com o espaço em Ouro Preto também desempenham um papel crucial na fenomenologia do espaço. A população local, composta por moradores e trabalhadores, tem uma relação íntima com a cidade e suas características. Os visitantes também são sujeitos importantes, pois contribuem para a dinâmica do espaço através do turismo e das interações com a comunidade local. A fenomenologia do espaço em Ouro Preto é construída pela interação desses diferentes sujeitos, cada um trazendo suas próprias experiências e perspectivas para a cidade.

A transformação do todo, que é uma integral, em suas partes - que são as suas diferenciais, dá-se, também, por uma distribuição ordenada, no e espaço, dos impactos do Todo, por meio de suas variáveis. As ações não se localizam de forma cega. Os homens também não. O mesmo se dá com as instituições e infraestruturas. É esse o próprio princípio da diferenciação entre lugares, produzindo combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular. Assim, os lugares reproduzem o País e o Mundo segundo uma ordem⁵³. É essa ordem unitária que cria a diversidade, pois as determinações do todo se dão de forma diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar. Trata-se de uma evolução diacrônica, consagrando mudanças não homólogas do valor relativo de cada variável. O desenvolvimento desigual e combinado é, pois, uma ordem, cuja inteligência é apenas possível mediante o processo de totalização, isto

²¹ [1] Santos, Milton. "O espaço geográfico como categoria filosófica." *Terra Livre* 5 (1988).

é, o processo de transformação de uma totalidade em outra totalidade.
(SANTOS; MILTON SANTOS, 2002, p. 81)

A abordagem fenomenológica da totalidade do espaço em Ouro Preto envolveria a análise da experiência vivida e percebida pelos sujeitos que habitam, visitam e interagem com a cidade. Na fenomenologia, a ênfase recai sobre a consciência e a experiência direta do mundo, considerando como os sujeitos percebem, interpretam e atribuem significado ao ambiente ao seu redor.

Ao aplicar a fenomenologia à totalidade do espaço em Ouro Preto, seria essencial considerar não apenas os aspectos físicos e visíveis da cidade, como sua arquitetura e paisagem urbana, mas também as experiências subjetivas, as memórias, as emoções e as interações dos sujeitos com o ambiente.

A fenomenologia poderia ajudar a compreender como os moradores e visitantes de Ouro Preto vivem e significam o espaço urbano, como as características históricas e culturais da cidade influenciam suas percepções e como a interação entre os sujeitos e o ambiente contribui para a construção de significados compartilhados.

Dessa forma, ao abordar a totalidade do espaço em Ouro Preto sob a perspectiva fenomenológica, seria fundamental considerar a experiência subjetiva, a intersubjetividade e a relação dialógica entre os sujeitos e o ambiente urbano, buscando compreender a complexidade e a riqueza das vivências cotidianas e das interações humanas nessa cidade histórica.

A totalidade do espaço em Ouro Preto é uma questão fundamental na fenomenologia. Não se pode entender a cidade apenas olhando para suas partes isoladas, mas sim como um todo integrado. A arquitetura colonial, a paisagem natural, as pessoas e suas atividades formam uma totalidade que define a fenomenologia do espaço em Ouro Preto. A compreensão dessa totalidade é essencial para entender os significados e as interações presentes na cidade.

Em suma, pensar a fenomenologia do espaço em Ouro Preto é envolver a natureza do espaço, os sujeitos envolvidos, a totalidade e a relação entre espaço e história. Milton Santos contribuiu para a compreensão dessa temática através de suas contribuições para a geografia e seus estudos sobre o espaço. Ao explorar a fenomenologia do espaço em Ouro Preto, podemos obter uma visão mais profunda e abrangente da cidade e sua relação com seus habitantes e visitantes.

8.2 A perspectiva Hermenêutica espacial.

A análise hermenêutica se configura como ferramenta crucial para uma compreensão mais profunda da cidade e do fenômeno da Afrocentricidade. Ao dialogar com as perspectivas de diversos autores, é possível desvendar as complexidades urbanas e reconhecer a relevância da Afrocentricidade na reconfiguração da subjetividade contemporânea.

Este movimento, mais do que romper com a subalternidade eurocêntrica, expressa a autonomia da afrocentricidade, promovendo uma nova visão de mundo centrada na valorização da cultura e da história afro-brasileira. Essa abordagem crítica e reflexiva é fundamental para a compreensão do contexto atual e das transformações nas relações sociais e espaciais nas cidades.

A hermenêutica espacial em Ouro Preto envolve a interpretação e compreensão do espaço urbano da cidade, considerando não apenas sua dimensão

física, mas também os significados culturais, históricos e sociais associados a ele. Alguns aspectos da hermenêutica espacial em Ouro Preto pode ser abordados a partir de Villaschi

A análise detalhada do território e do cotidiano dos habitantes de Ouro Preto, buscando compreender as camadas de significados e experiências que moldam a cidade. Tal quadro conflituoso - que emoldura as relações para com o patrimônio e partes do território- é também retocado pela indiferença às questões urbanas por parte de grupos que para ali migraram por diferentes motivações - profissionais, empregatícias ou educativas - ou que frequentam regularmente a cidade. Inversamente, são constituídos grupos espontâneos ou articulados, identificados e comprometidos com a gestão da cidade, embalados pelo encantamento estético, histórico, emocional e ambiental que a cidade provoca nos visitantes e “nativados”.(VILASCHI, 2014).

A hermenêutica desempenha um papel fundamental na compreensão da cidade e da afrocentricidade, permitindo uma abordagem interpretativa e contextualizada desses temas. Na **interpretação da cidade** a hermenêutica envolve a análise das camadas de significado presentes no espaço urbano, considerando não apenas a dimensão física, mas também os aspectos culturais, históricos e sociais que moldam a vida na cidade

Um outro aspecto é **identidade**, abordagem hermenêutica pode ajudar a desvendar e valorizar a afrocentricidade, que se refere à centralidade da cultura africana e afrodescendente na construção da identidade e da história de determinadas comunidades. Isso envolve a interpretação e valorização das contribuições culturais, artísticas e históricas desses grupos. Na obra “Escravidão - Volume II” de Laurentino Gomes, a hermenêutica é um conceito fundamental na compreensão da cidade e da afrocentricidade:

EXISTEM MUITAS ÁFRICAS ESCONDIDAS no Brasil. Seus traços estão por toda parte, na dança, na música, no vocabulário e na culinária, nas crenças e nos costumes, na luta do dia a dia, na força, no semblante e no sorriso das pessoas. Estão também na paisagem e na arquitetura, cifradas na forma de símbolos e desenhos gravados nas paredes e fachadas das casas e dos casarões, nos altares e pinturas das igrejas, nos terreiros de umbanda e candomblé, nas pedras do cais junto ao mar, nos arcos das pontes, nos oratórios de pedra que emolduram as esquinas, nos mínimos detalhes de chafarizes e colunas. Algumas são misteriosas e, para enxergá-las, é preciso ter um olhar atento e, se possível, bem-informado a respeito dos seus significados. Um desses enigmas emergiu das sombras em Ouro Preto, Minas Gerais, de forma repentina, em 2017, no sobrado da rua Direita, 134, a uma centena de metros da praça onde a cabeça de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira, ficou exposta no alto de um poste após sua execução, em 1792. Ao reformar o porão do edifício, onde no século XVIII funcionou uma senzala, operários se depararam com uma série de figuras esculpidas com um instrumento pontiagudo sobre o reboco de uma parede até então parcialmente coberta por entulhos. Era um mural com cenas africanas.(GOMES; LAURENTINO, p.203,2021).

No contexto da cidade, a hermenêutica pode ser aplicada para analisar as camadas de significado presentes no espaço urbano, nas construções arquitetônicas, nas manifestações culturais e nas relações sociais que moldam a vida urbana. Através da hermenêutica, é possível revelar as histórias, memórias e identidades que

estão inscritas na cidade, bem como compreender as dinâmicas de poder, exclusão e resistência que permeiam o ambiente urbano.

Já a afrocentricidade refere-se a uma abordagem que coloca a experiência e a perspectiva africana e afrodescendente no centro da análise e interpretação da história, da cultura e da sociedade. A afrocentricidade busca valorizar as contribuições, as lutas e as narrativas dos povos africanos e afrodescendentes, resgatando suas histórias e promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa do mundo.

Ao combinar a hermenêutica com a afrocentricidade na compreensão da cidade, é possível ampliar a compreensão da diversidade cultural, étnica e social que caracteriza o ambiente urbano, dando voz e visibilidade às comunidades afrodescendentes e resgatando suas contribuições para a construção e transformação das cidades ao longo da história. Essa abordagem permite reconhecer a importância da pluralidade de experiências e perspectivas na construção de uma narrativa mais abrangente e justa sobre a cidade e suas múltiplas identidades

Portanto, a aplicação da hermenêutica na compreensão da cidade e da afrocentricidade possibilita uma abordagem mais reflexiva, crítica e inclusiva, que valoriza a diversidade cultural e promove o reconhecimento e a valorização das múltiplas narrativas presentes no espaço urbano.

Análise das práticas culturais e das ações da administração pública que se sucedem e se superpõem em Ouro Preto, refletindo mudanças no uso do solo, na arquitetura e na preservação do patrimônio .

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, desvendamos as complexas camadas de significado que permeiam a cidade de Ouro Preto, percorrendo os caminhos da epistemologia do espaço, da hermenêutica urbana e da fenomenologia. Mergulhamos em um universo de contradições entre as narrativas oficiais e o uso do espaço urbano, revelando as marcas da escravidão e do Afrocentricidade na formação da cidade.

A perspectiva hermenêutica espacial nos permitiu interpretar a cidade como um texto, desvendando os símbolos, as marcas e as memórias presentes em sua arquitetura, monumentos e ruas. Através da análise crítica do espaço urbano, identificamos as contradições entre a narrativa oficial, que celebra a riqueza e o esplendor do período colonial, e a realidade silenciada da população afrodescendente, que contribuiu significativamente para a construção da cidade.

A fenomenologia do espaço nos aproximou da experiência subjetiva da cidade, revelando como os diferentes grupos sociais se apropriam e ressignificam os espaços urbanos. A memória social e institucional se entrelaçam em Ouro Preto, criando uma disputa de narrativas sobre o passado.

O Afrocentricidade em Ouro Preto emerge como um movimento de resistência e revalorização da cultura afro-brasileira. Através da memória, da arte e da reivindicação espacial, busca-se reintegrar o sentido e a subjetividade da população preta na história da cidade. A luta por reconhecimento e ressignificação do passado afrodescendente é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Ao analisarmos Ouro Preto sob a ótica da epistemologia do espaço, da hermenêutica urbana e da fenomenologia, desconstruímos a imagem superficial da cidade como um mero cenário colonial. Revelamos as contradições, as tensões e as lutas por reconhecimento que marcam sua história.

O estudo da epistemologia do espaço em Ouro Preto nos convida a repensar a relação entre cultura, memória e espaço. A cidade se apresenta como um campo de disputa de narrativas, onde diferentes grupos sociais lutam pelo reconhecimento de sua história e identidade.

Este artigo abre caminho para novas pesquisas que explorem a epistemologia do espaço em outras cidades brasileiras, investigando as relações entre cultura, memória e poder. A análise crítica do espaço urbano pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as vozes sejam ouvidas e representadas.

Ouro Preto se revela como um microcosmo das contradições e desigualdades da sociedade brasileira. A análise da epistemologia do espaço nos permite desvendar as camadas de significado presentes na cidade, reconhecendo a importância da memória e da luta por reconhecimento dos grupos sociais marginalizados. Através da pesquisa e da reflexão crítica, podemos construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução: M.A. Casanova, revisão: E. Soares Neves da Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ALVES, G. A. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. Scielo. São Paulo: Scielo, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/gZh3Nm9yR4s_7TrFGXD3Rvrp/abstract/?lang=pt. Acesso em: 9 jul. 2023.
- BELL, D. (Ed.). *Memory, Trauma and World Politics: Reflections on the Relationship Between Past and Present*. Palgrave Macmillan UK, 2006.
- BRAGA, S. MARIA. *Salvaguarda do patrimônio: Ouro Preto, MG*. [s.l.] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008.
- BRUSADIN, L. B.; CASTRIOTA, L. B. *MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: Gestão, Preservação e Interpretação*. Geplam Assessoria: Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, 2023.
- CAMPOS, É. A humanização da “coisa” em Os escravos, de Castro Alves. *Revista de Estudos Literários*, São Paulo: USP, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014.
- CARLOS GUILHERME MOTA E ADRIANA LOPEZ. **História do Brasil Uma interpretação** (4th ed. 2015) (Carlos Guilherme Mota, Adriana Lopez) (Z-Library). v. 4, p. 1-1136, 2015.
- Castro, M, F, R. **O afroturismo em Ouro Preto - MG :um novo olhar sobre a história, cultura e tradições pretas**.p.112 /Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto,2023.

COUTO, A. C. P.; CHAVES, E.; DEBORTOLI, J. A. O.; ISAYAMA, H. F.; RECHIA, S.(Orgs.)*Coletânea do II Congresso Científico da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC)*1. Belo Horizonte: EEEFTO, 2022. ISBN: 978-65-990329-5-03.

ELISA LARKIN NASCIMENTO. AFROCENTRICIDADE;UMA ABORDAGEM EPISentre os dissensos e os diálogos dos moradores com o patrimônio, p 266/ Tese (Doutorado UFRJ.Rio de Janeiro 2016.

FALCÃO, D.; DA SILVA FERNANDES, J. O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 10, n. 03, p. 78–97, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/47721>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Falcão.D. Fernandes, J.S. Alves, H. F. Intersecções entre ocupação do espaço, transgressão e memória na apropriação do morro da força para o lazer,p.397.*Coletânea do II Congresso Científico da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC)*,2022.

Falcão.D. Fernandes, J.S. Alves, H. F. O QUE PODE UM PODCAST? O CORPO BRINCANTE EM OURO PRETO: SOBRE LAZER E CULTURA.p.474.*Coletânea do II Congresso Científico da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC)*,2022. Geusp – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez.2019.

Gomes, Laurentino, 1956 -**Escravidão : da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**, volume 2 / Laurentino Gomes. - 1. ed. - Rio de Janeiro :Globo Livros, 2021.

JARDIM, A. C. M. **Mito Marília de Dirceu**, Dissertação de mestrado p.163.Universidade federal de Ouro Preto instituto de ciências humanas e sociais. Ouro Preto: 2014.

Liberdade 1880–1882. Gama, Luiz. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1882.

NASCIMENTO, C. **Minas Auríferas Em Ouro Preto e a Educação Das Relações Étnico-Raciais**. Dissertação de mestrado,p.109. Universidade federal de Ouro Preto-MG. Ouro Preto,2020.

PAOLI, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, v. 99, p. 5–8, 1992.

Ribeiro,I,P. **Ouro Preto:Monumento Nacional a Patrimônio Mundial**. Dissertação de Mestrado/p.181.Faculdade de Letras do Porto.2021.

Ricoeur, P. (2004). *Memory, History, Forgetting*. University of Chicago Press.

SÁ, C. P. de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, p. 290–295, 2007. DOI 10.1590/S0102-

SANTOS, M.; MILTON SANTOS. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. edição. São Paulo, SP: EDUSP, 2002(Coleção Milton Santos, 1).

Santos, Milton. “**O espaço geográfico como categoria filosófica**.” *Terra Livre* 5 (1988).

SANTOS, S. Pisa nesse chão devagarinho: Memória e resistência dos grupos de Congado e Moçambi-que de Ouro Preto-MG. Ouro Preto: 2022. Disponível em: <www.planalto.gov.br> .acessado em 16/04/2023

Simão, Maria Cristina Rocha. Diferentes olhares sobre a preservação das cidades: entre os dissensos e os diálogos dos moradores com o patrimônio/266 fls. Tese (Doutorado Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade Ufrj. Rio de Janeiro, 2016.

Trouillot, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história / Michel-Rolph Trouillot; tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016.

Villaschi, João Nazário Simões. Hermenêutica do Patrimônio e Apropriação do Território em Ouro Preto-MG/303 FLS: Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo 2014.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, com imensa gratidão, à minha orientadora, professora Maria Cristina Rocha Simão, por sua inestimável orientação, apoio e incentivo durante todo o processo.

Agradeço também à professora Denise Falcão pelas valiosas contribuições ao meu aprendizado e aprimoramento da escrita.

Ao professor Alex Bohre, meu reconhecimento por ser referência constante na busca por compreender a história e a cultura de Ouro Preto.

A realização deste trabalho não foi fácil. Enfrentei diversos desafios, mas superei cada um deles com empenho, esforço e dedicação.

Sou grato por essa jornada, que me fortaleceu e me impulsionou a seguir em frente.

DADOS DOS AUTORES

Nome: Josué da Silva Fernandes

E-mail: josuedafer@gmail.com

Link do currículo Lattes (se houver):

<https://lattes.cnpq.br/9827398840987400>

Minicurrículo profissional e/ou acadêmico:

Formado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto em 2018, atualmente estou cursando minha segunda graduação em Estudos Literários com ênfase em Linguística na mesma instituição, Ufop. São 8 períodos de curso. Continuo minha formação em letras no primeiro período de literatura portuguesa e francesa pela UFMT. Minha experiência na área da Filosofia, com ênfase em Epistemologia, permitiu-me atuar em temas como filosofia, literatura, linguagem e teatro. Além disso, estou me especializando na Pós-graduação em Gestão Cultural

do Patrimônio no IFMG e sou Mestrando em Epistemologia na UFMT.Recentemente, lancei meu livro "Ô Choro" pela editora Kdp em 2021. A obra apresenta de forma simbólica os problemas fundamentais da existência humana, buscando refletir sobre o sentido da vida. A dramaturgia explora as relações afetivas em uma família em tempos de crise humanitária, em que o ser humano, no ápice dessa condição, é capaz de chegar às decisões mais inusitadas sobre o sentido de sua vida na Terra. Além disso, temas polêmicos como feminicídio e pedofilia são abordados artisticamente no desenrolar da narrativa.Meu objetivo é continuar explorando e expandindo meu conhecimento nas áreas de Filosofia, Literatura e Linguística, ao mesmo tempo em que contribuo para o mundo artístico e cultural com minhas obras.